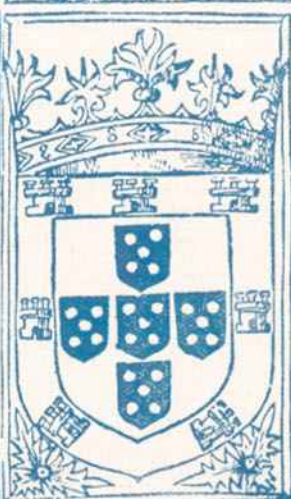
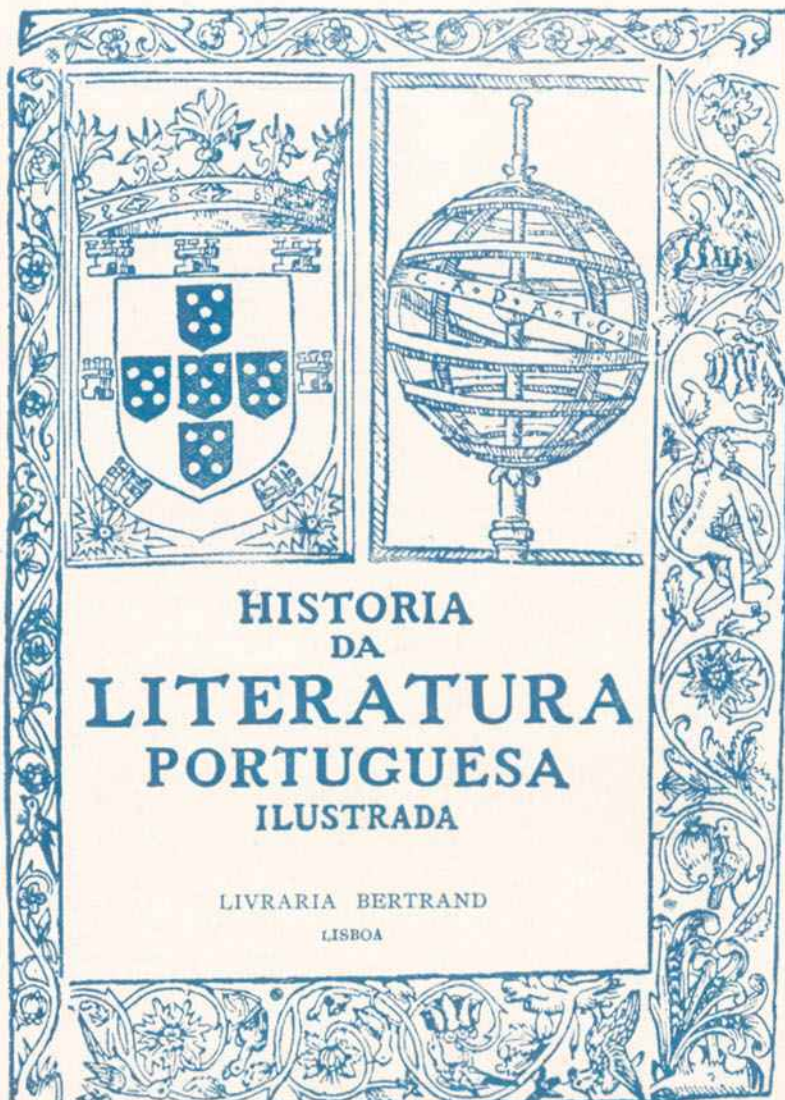


ILUSTRAÇÃO





HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

**Saiu o tomo XXXVI, completando
o 3.º e ultimo volume
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍLO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORLHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MORIS BENSBAT AMEALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORLHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTÉRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, momentos, restos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

PROCESSO FÁ- CIL DE FURAR O FERRO

É muito curioso o seguinte processo de furar barras ou lâminas forjadas: começa-se por moldar um pau de enxofre, a que se dá a forma que deve ter o furo; aquece-se o ferro ao branco e aplica-se o enxofre ao lugar que se quer furar, onde penetra com a maior facilidade, ficando o furo com a grandeza e a forma exactas do pau de enxofre.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL,
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português	32\$40	64\$80	129\$60
(Registada)	—	64\$50	129\$00
Espanha e suas colonias	—	69\$00	138\$00
(Registada)	—	63\$00	126\$00
Brasil	—	67\$50	135\$00
(Registada)	—	66\$00	132\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
		84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza**—Av. da Liberdade, 35—LISBOA

ACABA DE SAÍR
a 7.ª edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado **12\$00**
Encadernado **16\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Fóra com as dôres! CAFIASPIRINA

livra de dôres
e restabece
o bem estar.



Tabem a mim este excelente remedio tem prestado prontos e duradouros serviços contra a minha migraine.

Não prejudica o coração nem os rins!

UM DELICIOSO LIVRO PARA AS CRIANÇAS



O Pretinho de Angola

Original de CÉSAR DE FRIAS

Movimentada e educativa historieta, dividida em sete capítulos, com ilustrações sugestivas de ILBERINO DOS SANTOS

Algumas opiniões da crítica a respeito d'êste livro:

«O apreciado autor de *Ao sôpro da Vida*, *Nossa Senhora Eva*, *As grandes núpcias*, *Biblioteca das Noivas*, *Almas em flôr*, etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*)

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*)

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

(Das *Novidades*)

PREÇO: 5\$00

A' venda na filial do "Diário de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

e em todas as livrarias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR D. EMILIA DE SOUSA COSTA

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantíssimas ilustrações de ALFREDO DE MORAIS

O noivo infeliz—A cabicanca—Beijo maldito—Caluberbriga—Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou!—No reino dos macacos—Lauro é!—O galego espertalhão—A moura Çassima—O sabichão—O irmão burro—Maria da extravagandia.

Preço 5\$00

A' venda na Filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 e em todas as livrarias

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 págs., encadernado

30\$000

PEDIDOS A

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rua do Ouvidor, 166 - RIO DE JANEIRO
Rua Libero Badaró, 40-A - S. PAULO

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA



AO ACORDAR

QUANDO se levanta está V. Ex.^a alegre ou triste? Tem disposição para passar um dia feliz depois de uma noite de sono socegado, ou tem os seus nervos exaustos devido às horas de insónia durante uma noite?

Para assegurar um sono tranquilo, tome sempre, antes de se deitar uma chavena da deliciosa "Ovomaltine"

Não ha nada melhor, alimento mais completo para lhe permitir um sono reparador, dando-lhe a necessaria inergia aos seus nervos, e conservando-lhe a sua boa disposição.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A' venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Un'cos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA



Crónica da Quinzena

CHEGADOS ao fim do verão, procuremos assentar num juízo crítico, sobre a época que termina.

Comprenda-se a responsabilidade do cronista, metido em descriminar o que representa, senão para o genero humano em geral, ao menos para a variante lusiada, as idas e voltas, o nú e vestido, a falta de água, o comboio-misterio, e outros problemas nos ultimos tres meses apresentados à consciencia nacional. É muito grave decidir, em tal complexidade, a escolha de conceito que tradusa o significado do que aconteceu.

Quem mais buliu, apareceu, mudou, foi a gente leviana, futil, de vida medular, ou vegetativa, o que conduz a classificar de incidentes de paisagens, o sucedido na quadra a analisar. Aqui temos o mais duro da subtilidade que consiste em achar uma razão de ordem, no arbitrario e desconexo.

Valha-nos a amurada do Tamariz, inspiradora de ideias nobres, das que emprestam ar viscondeirado a quem as emite.

Ali sentado, sob o guarda-sol de mecânica maravilhosa, mirando o horizonte liquido, formula-se de novo a pergunta: "Que foi, que representa este verão na vida portuguesa?"

A agua transparente como olho de felino, e como êle profunda, de um cismar abismal, marca a medida da resposta.

O ilimitado da superficie, a perder-se no infinito, afinou o timbre dos pensamentos; a estrada percorrida pelas caravelas trouxe uma sugestão. Por ali se partiu para as descobertas, se alcançaram as colonias. Acudiu à memoria a navegação e conquista e o dito de um amanuense poeta, ou de um ministro prosador, hoje batido por muitas bocas "o futuro de Portugal está nas colonias."

Com êsse cantar no ouvido, se mira a praia, onde os ventres, coxas, lombos se encontram a torrar, em profuso estendal. E então, em relampago, a sintese do momento decorrido appareceu limpida, como se mão divina a tivesse escrito na areia. Dizia assim: "O futuro das colonias está em Portugal."

Parece um trocadilho, e, afinal, encerra o conceito que se requeria, profundo como a pupila de um linco, um jacaré, um preto da selva. Para bem atingir o alcance, previne-se que os vocabulos, se referem às gentes não à flora e fauna.

Ora qual a aspiração suprema do nado em terras da conquista?

A de que o considerem branco, o confundam com o branco e de vez acabe o distintivo absurdo, impertinente, das duas côres e suas cambiantes, desde a manteiga fresca, ao Perú assado, ao chocolate, a terminar no carvão de sóbro.

Aqui estamos chegados ao facto culminante, sintese da época estival, senão de um periodo historico. Operou-se o caldeamento das raças, muito cubiçado pelas de origem extra-europeia.

Na impossibilidade de branquear os negros, como se pedia aos sabios, o luso audaz matou a quesilia, decidindo enegrar os brancos. O que breve se conseguiu com o sol da Costa, afamado pela virtude de redusir a torresmos quanto ache sob os seus raios coruscantes.

Em modesto numero de semanas, as marcas de pele portuguesa, de melhor nomeada, ficaram como as filhas de mãe da Guiné. As Donas Constanças, Filipas, Genevevas, Catarinas, e outras de igual tom, andam pretinhas de cara e de costas, por deante, por detrás, tal qual as Vénus que se banham no rio Congo, esfregando-se com uma cuca. De longe vê-se-lhes lusir o branco da dentadura e do olho, quando o riso lhes racha em dois o tomate artificioso dos beiços. E agora é vêr a alegria inebriante das que posuem a côr verdadeira, de origem, sem necessidade de recorrer a traça. Reconhecem-se em vantagem. Mais; exprimem o desdem superior dos louros quando miram a oxigenada, das sadias, com beiços de lacre, ao notarem o vermelhão comprado, da anemica. E ao exibirem o corpo, côr de cacho maduro, dois praseres as enchem de júbilo; um, verem triunfante a tonalidade da selva, outro, a liberdade da nudez completa que outrora ali gosaram. Bem feitas as contas equivale a uma conquista de Portugal pelas colonias, primeiro passo talvez de carreira mais ampla. Começam por introduzir a raça, os costumes, a civilização. Dahi, à imposição de um réguo dista um passo. Já temos côr, indumentária, batuque para bailados, linguagem de cubata nos serões da citada Dona Constança. Falta bem pouco para a uniformidade integral.

Assim o verifica o filósofo que, na amu-

rada do Tamariz, sorvendo capilé por uma palha, contemple, em baixo no areal, os quadros de genésis ali expostos. Perante o despontar de um mundo novo, diferente do antigo, êle repetirá, não se sabe se com saudade, se com júbilo: "Visto Portugal não colonisar a Africa, esta acabará por colonisar Portugal."

Ora nem todos se encharcaram de sol. Alguns, talvez dos antigos, recusam-se a ser torrados. E, em vez da agua salgada, inimiga da fôlha verde, perferem a agua doce, amiga da ramalheira.

O ano correu mal para os devotos do rumorêjo das fontes, dos ribeiros, dos regos de regar. A séca reduziu ao silencio, em muitos lugares, êsses sons bemfazejos do ouvido. Donde proveio, andarem os insofridos que não toleram a falta de tão suave melodia, correndo as sete partidas, até encontrarem um recanto bem fornecido daquela voluptuosidade.

E assim foi que muitos dos fabricados com êsse tempero de animo, sómente encontraram a calma muito ao norte do país. Largaram uns até Melgaço e Gerez. Outros, decerto mais astutos, ou menos aventureiros, ficaram-se por Braga, no monte inefavel em que a agua sempre canta e o sol não pinga no chão, porque a folhagem o chupa todo.

Dêsses, nenhum se arrependeu, pois, todos voltaram convencidos de que, pelo menos uma visita àquela mansão edénica, devia instituir-se obrigatória para os portugueses. Uma vês na vida, como ao bom maometano se ordena a ida a Méca, ficaria bem, nos nossos preceitos nacionais, subir ao serro do Bom Jesus.

E, que mais não fosse, se impothesse aos que pretendem atravessar a fronteira, a obrigação de apresentar atestado, provando ter pousado naquelas alturas. Prestaria esta prudente condição para aprender a amar a nossa terra e preferi-la, em graça maneirinha, aconchegadora, de entrar no coração, a muitas das que andam faladas por êsse mundo além. E ofereceria a surpresa de inventar uma fórmula inédita de economia dirigida.

Diálogo radiofónico

SENTO-ME, num *Maple*, diante dum aparelho receptor de telefonía sem fios. Dou uma volta ao botão. Procuro a onda. — O speaker diz que vai ser emitido um «diálogo radiofónico». — Silêncio. — Ouve-se abrir uma porta. Depois, uns passos ligeiros de mulher. Em seguida, uns passos mais pesados, de homem. Ruído de uma porta que se fecha. Pequeno ruído dum comutador eléctrico.

A VOZ DELA — Não abriram as camas.
 A VOZ DELE — Não achas frio, o quarto?
 A VOZ DELA — Trouxeste os jornais de modas?
 A VOZ DELE — Trouxe. Fecha a janela.
 A VOZ DELA — Está uma noite linda.
 A VOZ DELE — Está frio. *(Pequeno silêncio)*
 Não sei regular este irradiador.
 A VOZ DELA — Naturalmente, não funciona.
 A VOZ DELE — É isto um dos melhores hotéis de Deauville!
(Ouve-se duas pancadas de um timbre, talvez um relógio)
 A VOZ DELA — Duas horas, já!
 A VOZ DELE — Demorámo-nos demais, no Casino. Tenho de me levantar cedo, amanhã.
 A VOZ DELA — É uma maravilha, o efeito da lua sobre o mar.
 A VOZ DELE — Vai custar-nos muito caro.
 A VOZ DELA — Também metem a lua na conta do hotel?
(Ouve-se um espirro)
 A VOZ DELE — Não fechas a janela, e eu já espirrei.
 A VOZ DELA — Põe o chapéu.
 A VOZ DELE — Tu queres que eu ande de chapéu alto, por casa?
 A VOZ DELA — Gosto de ouvir o barulho das ondas. — Não se vê luz nenhuma. Só o farol. — Se fosses amável, vinhas para a janela comigo.
 A VOZ DELE — Para quê, se não se vê nada?
 A VOZ DELA — Para sonharmos os dois, abraçados.
 A VOZ DELE — A maneira mais prática de sonhar é dormir. — Onde pusesté tu o meu pijama?
 A VOZ DELA — Não sei. Está para aí. — Tu és o homem mais prosaico que eu conheço.
 A VOZ DELE — Parece que conheces muitos. — Ao menos, põe a capa pelos ombros. Estar decotada à janela é uma loucura.
 A VOZ DELA — Ainda tenho mais frio ao pé de ti. Tu és gelado.
 A VOZ DELE — Vou pôr aquecimento central, para te ser agradável. — Que idea esta de me esconderem o pijama debaixo do traveseiro!
(Ouve-se a voz dela traucando um fox-trot)
 A VOZ DELA — Dançava bem, aquela bailarina negra, não é verdade?
 A VOZ DELE — Eu preferia que ela fôsse branca.
 A VOZ DELA — Para quê? Não te basto eu?
 A VOZ DELE — Tu bastas para me constipar. — Se não fechas a janela, vou dormir para o quarto de banho.
 A VOZ DELA — Uf! *(Ruído duma janela que se fecha)* Pronto. Estás satisfeito?
 A VOZ DELE — Só encontro um chinelo. Onde poria eu o outro?
 A VOZ DELA — É pena que os não perdesse a ambos.
 A VOZ DELE — Só se está na mala. Isto é um inferno! É ainda há quem goste de viajar!
 A VOZ DELA — Contigo, confesso que não é

muito divertido. — Não vês o chinelo em cima da cama?

A VOZ DELE — Quando perco ao jôgo, não vejo nada.

A VOZ DELA — Eu bem disse que não jogasses o baccarat. Tu olhavas mais para a ingleza que estava diante de ti, do que para as cartas.

A VOZ DELE — Não há nada para perder ao jôgo, como uma mulher ciumenta ao pé de nós. *(Pequeno silêncio)* Ainda vais vêr figurinos, a esta hora?

A VOZ DELA — Vou fazer um vestido assim. Gostas?

A VOZ DELE — É um fato de banho?

A VOZ DELA — Não vês que é um vestido de baile?

A VOZ DELE — É o mesmo. Uma coisa que tu vestes para andar nua.

A VOZ DELA — Sim, não é perfeitamente um vestido de primeira comunhão. — Porque não te sentas ao pé de mim? Este *couch-corner* é cómodo.

A VOZ DELE — Não posso. Vou dobrar as calças.

A VOZ DELA — Ainda não me deste um beijo desde que entrámos no quarto.

A VOZ DELE — Dividimos o trabalho. Tu dobras-me as calças e eu dou-te um beijo.

A VOZ DELA — Só me beijas por interesse. *(Ouve-se um beijo)* Porque és tu tão pouco amável, Jack? Porque não me dizes coisas agradáveis, que eu gosto tanto de ouvir?

A VOZ DELE — A que chamas tu coisas agradáveis?

A VOZ DELA — Coisas doces. Tu bem sabes.

A VOZ DELE — Não achaste delicioso o cocktail de melão que nos serviram no Casino?

A VOZ DELA — Não é a essas coisas doces que eu me refiro. É a uma palavra de ternura, que tu nunca tens para mim.

A VOZ DELE — Em dois anos de casados, já te disse tudo.

A VOZ DELA — No amor, quando já se disse tudo, é preciso voltar a dizer as mesmas coisas.

A VOZ DELE — Já te dei o beijo, agora aqui estão as calças.

A VOZ DELA — És um desastrado. Não tens jeito nenhum para tratar uma mulher. — Mas, mesmo assim, gosto de ti. Ao menos, por enquanto.

A VOZ DELE — E depois?

A VOZ DELA — Depois, não sei.

A VOZ DELE — Bem dobradas. E escova-me a casaca. Tu fazes essas coisas muito melhor do que eu.

A VOZ DELA — Melhor do que tu me beij-



jas, com certeza. Tu nunca soubeste beijar-me.

A VOZ DELE — Não admira. Eu estudei para engenheiro, não estudei para marido.

A VOZ DELA — Essas coisas não se aprendem. Sentem-se. A mim, também ninguém me ensinou.

A VOZ DELE — Enquanto tu trabalhas, vou-me deitar.

A VOZ DELA — Fazes bem.

A VOZ DELE — Fico na cama mais larga, porque tenho mais sono do que tu.

A VOZ DELA — Amanhã, se tivermos mais vontade de almoçar, vamos para uma mesa maior.

(Tilinta, no parquet, qualquer coisa metálica)

A VOZ DELE — Que foi que caiu?

A VOZ DELA — Três fichas de cem francos, que tu tinhas no bolso.

A VOZ DELE — Se eu tenho dado por elas, ainda a estas horas estávamos no Casino.

A VOZ DELA — Basta que as percas amanhã. Não é pressa.

A VOZ DELE — Perder ao jôgo é um grande prazer. Quasi tão grande como ganhar. — Que estás tu a fazer, ao espelho.

A VOZ DELA — Estou a pintar a boca.

A VOZ DELE — Para dormir, não é preciso.

A VOZ DELA — Devias agradecer-me, porque, a estas horas não me pinto senão para ti.

A VOZ DELE — Fico sabendo que costumias pintar-te para os outros.

A VOZ DELA — Visto o pijama azul ou o amarelo?

A VOZ DELE — O que se vestir mais depressa, para eu apagar a luz.

A VOZ DELA — Se é para apagar a luz, qualquer serve. — Tu cada vez te importas menos comigo.

A VOZ DELE — O que eu tenho é sono, já te disse.

A VOZ DELA — É divertido, estar ao pé de um homem que dorme constantemente.

A VOZ DELE — Não tenho culpa. É do ar do

mar. — Ao menos, enquanto durmo não te inco- modo.

A VOZ DELA — Nem sempre. Às vezes, pare- ces um saxofone.

A VOZ DELE — É tu, um violonecelo. É um jazz-band.

A VOZ DELA — O que vale, é que és delicado.

A VOZ DELE — Porque não te deitas?

A VOZ DELA — Ainda não fiz ginástica.

A VOZ DELE — Podias deixar a ginástica para amanhã de manhã.

A VOZ DELA — A ginástica para emagrecer deve fazer-se de noite.

A VOZ DELE — E então eu nunca mais durmo?

A VOZ DELA — São vinte minutos só. O médico que consultei em Paris disse-me que andasse to- das as noites vinte minutos nos bicos dos pés an- tes de me deitar.

A VOZ DELE — Naturalmente, achou-te cara de bailarina da Ope- ra.

A VOZ DELA — O que não lhe perguntei foi se era calçada ou descalça. Que te parece?

A VOZ DELE — Parece-me que, na dúvida, só deves principiar amanhã.

A VOZ DELA — O que tu que- res é que eu me deite.

A VOZ DELE — Só agora com- prendeste isso, Nina?

A VOZ DELA — Ao menos, podias ter-me deixado a cama mais larga para mim.

A VOZ DELE — Como tu queres emagrecer, vais- te já acostumand- o a uma cama mais estreita.

A VOZ DELA — Lembra-te que me deixaste dei- tar sem me ter dado um beijo.

A VOZ DELE — Ora, até que em- fim!

— Agora já posso apagar a luz.

A VOZ DELA — Então apaga.

A VOZ DELE — Boa noite, Nina.

A VOZ DELA — Boa noite.

(Estalido seco de um comutador eléctrico).

A VOZ DELE — Deste volta à chave do quarto?

A VOZ DELA — Deí. (Pequeno silêncio) Se tu imaginas que eu vou dormir já, enganas-te.

A VOZ DELE — É-me indiferente. Contanto que me deixes dormir a mim.

A VOZ DELA — Ao menos agora, sem luz, hei- do dizer-te tudo quanto me apetece.

A VOZ DELE — O que é que te apetece dizer- me?

A VOZ DELA — O penso a teu respeito.

A VOZ DELE — Tens medo de corar, com a luz acesa?

A VOZ DELA — Não quero fazer-te corar a ti.

A VOZ DELE — O que as mulheres [pensam] dos homens é sempre muito simples.

A VOZ DELA — Enganas-te. E' mais compli- cado do que te parece.

A VOZ DELE — O que vale é que, daqui a pouco, já não te oiço.

A VOZ DELA — Tu não és mau rapaz. Gostas de mim, a teu modo. Mas tens um grande defeito.

A VOZ DELE — Bem sei. Começo a envelhecer.

A VOZ DELA — Isso não faz mal. As raparigas gostam dos homens de quarenta anos. Tens um defeito de educação que me impede de ser inteiramente feliz ao teu lado.

A VOZ DELE — Queres que acenda a luz?

A VOZ DELA — Não. Dizem-se melhor as ver- dades com a luz apagada.

A VOZ DELE — Então, que defeito é o meu?

A VOZ DELA — És frio e reservado. Não és nada o homem que as mulheres sonham.

A VOZ DELA — Eu conheço-te bem. Às vezes olhas para mim, achas-me bonita, mas desvias logo os olhos para não ter de m'o dizer. Se tu soubesses como eu gostaria de ouvir todas as coisas que tu pensas e que nunca me dizes!

A VOZ DELE — Queres que passe a vida a grit- ar que te adoro? Isso já não se usa.

A VOZ DELA — Para nós, mulheres, usa-se sempre.

A VOZ DELE — Tu és uma mulher do século passado.

A VOZ DELA — Não sou tal. Eu já nasci neste século. Tu é que nasceste no outro.

A VOZ DELE — Mas sou mais moderno do que tu.

A VOZ DELA — És o homem menos ideal d'este mundo.

A VOZ DELE — Está bem. Talvez tenhas razão. — Quantos são hoje?

A VOZ DELA — Sete de setem- bro.

A VOZ DELE — Então, eu amanhã digo-te que gosto de ti para todo o mês.

A VOZ DELA — Eu só quero que tu m'o digas quan- do o sentires.

A VOZ DELE — O que eu sinto agora, Nina, é um sono invenci- vel.

A VOZ DELA — As mulheres não gostam de que as amem em silêncio. Precisam de sentir-se e de ouvir-se amadas. Eu bem sei que os homens dizem sempre as mesmas coisas; mas, quando nós gostamos d'êles, parece que as ouvimos pela pri- meira vez. Ha pouco, quando eu vesti o pijama, vi perfeitamente, no espelho, que tu não tiraste os olhos de mim. Por- que não disseste

que me tinhas achado bonita? No Casino, os meus hombros pareceram-te mais belos do que os de todas as mulheres que lá estavam. Porque tiveste vergonha de m'o dizer? Agora mesmo, vou jurar que tu estás com vontade de vir segre- dar-me ao ouvido, muito devagarinho, que me queres cada vez mais. Tenho a certeza de que tu, daqui a nada, vens dar-me um beijo e confes- sar-me, com a luz apagada, que eu pinto muito bem a minha boca... Não é verdade, Jack? Tu não me respondes? Tu dormes? Tu tiveste cora- gem para adormecer sem me dar um beijo?

(Ouve-se ressonar, ruidosamente)

A VOZ DELA — Como os homens são estúpidos, meu Deus!

Julio Dantas.



A VOZ DELE — Para que casaste comigo?

A VOZ DELA — Tens vergonha de sentir. É o defeito de todos os homens da tua geração.

A VOZ DELE — Que queres tu dizer com isso?

A VOZ DELA — Vergonha de sentir e de dizer o que sentes. Às vezes, eu vejo passar nos teus olhos um clarão de ternura. Julgo que vais estreitar-me ao teu peito, cobrir-me de beijos, dizer-me as mil coisas encantadoras que as mulheres gostam de ouvir, — e, afinal, não sai da sua boca senão uma palavra seca e um sorriso glacial. Porque és incapaz de sentir? Não. Porque tens pudor do teu sentimento. Porque passas a vida a esconder o que há de afectuoso e de delicado no teu coração. Porque chegas a ter vergonha de que eu perceba que tu gostas de mim.

A VOZ DELE — Quantos cocktails tomaste tu hoje?



O sr. dr. Armindo Monteiro, ministro das colónias, acompanhado dos seus colegas do governo que o foram cumprimentar a bordo do Moçambique. À direita, vê-se o titular da pasta das colónias junto de sua esposa, que o acompanhou na viagem a África, e de seu filho

FIGURAS E FACTOS

VIAGEM MINISTERIAL — A bordo do *Moçambique* chegou a Lisboa no dia 20 do mês passado, o sr. dr. Armindo Monteiro, ministro das colónias, de regresso da sua viagem pela África Portuguesa. Entrevistado por um jornalista sobre os resultados da viagem, respondeu:

— Quebrou-se, com esta viagem, o círculo de ferro que isolava a Metrópole das colónias. A união das almas à volta da ideia do Império está feita em África. A nova fé foi recebida como se há muito se esperasse o seu comando. Todos compreenderam que ela encerra o mais alto e nobre objectivo que à Nação é imposto pela História e indicado pela inteligência — e em volta do qual todos os portugueses de consciência clara podem reunir-se de boa fé para, num concerto comum, realizarem uma obra que para sempre os pode encher de glória.



UMA EXPOSIÇÃO — O major aviador Finheiro Correia expôs na Sociedade Nacional de Belas Artes algumas fotografias aéreas da sua autoria. A exposição foi inaugurada, como se vê na gravura, com a assistência dos srs. ministro da guerra, chefe interino do estado maior, tenente-coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa, coronel Mota Marques e demais membros da direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, adido aeronautico italiano e dum representante do Comando Geral da Armada.



UM BANQUETE — Num dos restaurantes de Lisboa realizou-se, há dias, um banquete de homenagem ao sr. Mário Navega, importante industrial, recentemente chegado de África onde foi tomar parte nas conferências comerciais de Luanda e Lourenço Marques. Ao champagne falaram vários convivas

Graças antigas e graças modernas



A marcha vertiginosa do progresso tudo tem espesinhado, como o furacão, na sua passagem, arranca árvores e despenha do pedestal figurinhas famosas.

Por cada conquista nos domínios da arte, da ciência ou da indústria, é uma derrota nos jardins mimosos da graça e da sensibilidade.

A nossa alma — a alma dos que de mais longe chegámos — sente-se, por vezes, amarfanhada de dôr e envergonhada, outras, por quererem despi-la de suas vestes singelas e gracias, para a expôrem, nua e desprotegida, às vaias da multidão inconsequente e má.

Tudo mudou, o quadro e as personagens. A gente faz por ageitar-se, no novo lugar criado, e sente-se mal, não consegue uma posição confortável.

Quere comprehender as almas novas, mas ha sempre falhas, sempre sombras, na exposição que delas tomamos.

Dantes, tudo era mais simples, mais claro e mais humano.

Os homens tinham pela mulher uma consideração cheia de ternura, que vinha do seu papel de amparo e protecção.

Os rapazes de agora, quasi que ignoram a mulher.

Acham-na muito igual a si ou muito sua parecida, muito camarada, para que o sexo os encante, como encantava seus pais, e como mais ainda encantou seus avós.

Porque esta transformação já vem de muito distante, começou logo com Eva, assim que provou o fruto proibido.

Mas levemente acentuada, sem as pressas da hora presente, essa evolução do feminino não chocava e conservava muito da sua graça original.

A mulher de agora, tôda artificial, é

a culpada de que os homens seus cuevos se retraiam e fujam dela, como de uma figura esfíngica que não comprehendem e cuja alma não atingem.

A sua alma esconde-se por detrás da máscara impenetrável das pinturas que cobre as suas feições.

E ela própria, quando se vê ao espelho, se desconhece, diante daquela boneca que o artifício substitui à sua própria personalidade física.

A sua alma, desnorteada pelas metamorfoses do envólucro, não se encontra também, e perde-se no mar de falsidades para onde a ânsia do novo e do imprevisito a atirou.

Ao movimento senhoril da *gavotte*, ao deslizar suave da valsa, seguiu-se o destrambelhamento do *charleston* e do *black bottom*.

Nossos ouvidos, deliciados com os sons doces e lânguidos dos *naipes* de violinos, foram súbitamente ensurdecidos pelas estridências dos *jazzes*, em que as notas se desarticulam, numa epilepsia infernal.

Para enfeitar a mulher, a moda foi ao sertão, foi às tribús negras, mais atrasadas e mais selvagens, buscar os colares de pedras falsas para lhe ornar o colo, como já de lá tinha trazido os batuques para o palco e até para o salão, que outra coisa não são os já citados *charleston*, *black bottom* e o *shimmy*, seu irmão mais novo.

Se a mulher, assim transformada numa espécie de ídolo pagão, com tudo ao léu e tôda falsa, nem a si própria se comprehende, como há-de entendê-la o seu companheiro destinado pela natureza?

A mulher de outras épocas, mesmo de ha vinte e tal anos, era mais acessível à compreensão masculina.

Estava ainda muito melher, muito verdadeira, e a sua alma assomava-lhe aos olhos, sem receio de mascarrar-se nas pestanas, que ainda não tinham *rimmel* e ainda não se afastavam da sua missão protectora da vista, com a cumplicidade da nova máquina de frisar.

A eva antiga era uma tentação, pelas graças que escondia ou pelos encantos modelados apenas pelas vestes que a cingiam.

O homem sentia acordar em si tôdas as forças estuantes do sexo, só ao imaginar-se a beleza oculta da dama dos seus cuidados. E isto era um excitante maravilhoso, que acendia a sua sêde de amor.

Os pobres rapazes de hoje nem têm o direito de sonhar, nem de dar-se tratos para descobrir na mulher êste ou aquele encanto.

Ela tudo lhe mostra, com uma semcerimonia que escandalisa a sua prosápia de descobridores.

A's vezes vêem coisas poucos belas e, quando belas são, a força do hábito torna-as de uma vulgaridade enjoativa, que lhes traz a saciedade, antes da satisfação.

Por isso, êles, os homens de agora, são calmos, bebem capilé e comem bolos, como qualquer menina antiga.

As mulheres, então, fumam, bebem vinho e licôres, andam de calças e fazem quanto podem para fazer-se odiar, sob o ponto de vista fisiológico, pelos seus camaradas de jogos e partidas de *calão*.

E o mundo está tomando um aspecto novo, muito de assustar, porque o género humano está em crise, com a sua produção muito próximo da falência.

E seria, talvez, êsse o unico meio que nos daria a paz das armas guerreiras, por falta de *carne de canhão*, como dizem os nossos amigos franceses.

Mas pagando essa paz bem cara, com a desordem permanente nos corpos e nas almas.

Mercedes Blasco



Numa nova edição muito cuidada e aumentada, e com um estudo crítico do ilustre escritor e antigo Presidente da República senhor Manuel Teixeira Gomes, que a seguir publicamos, acaba de ser posto à venda o décimo sétimo milhar do livro «Canções» do distinto poeta António Botto.

Obra de recorte genial, nela o artista inimitável das «Cartas que me foram devolvidas», atinge culminâncias de sensibilidade, de perfeição, e de beleza, que o colocaram, com justiça, entre os maiores poetas de todos os tempos.

UM grande mistério envolve ainda hoje, aquilo a que se convencionou chamar inspiração poética; mistério que ninguém nega, de absoluta e clara evidência, e nem por isso mais explicável. Alguns fisiologistas—ou psicologistas—comparam-na ao sonho (o que pouco adianta) mas um sonho que se exprime em cadência e é impossível traduzir sem ritmo e número. Tem mais a característica aparente de resistir às sujeições materiais, que enredam as outras formas de arte, e isso dá ao vate um prestígio sem rival, como se êle escapasse à fatalidade das leis naturais e podesse até, em certos casos, dominá-las. A relação da cadência poética e as pulsações do coração, também se presta a conjecturas que o enaltecem: não é a sua linguagem a única digna do amor, e que dimana do centro onde êle reside e impera? Ah! como se pode ainda pôr em dúvida que o amor opéra milagres. Se milagres há ou houve jámais, é no amor que se lhe deve procurar a origem, porque só êle possui o dom divino de os fazer. A inspiração poética é um milagre do amor, que se revela rithmado, à semelhança do pulsar do coração...

A crítica, porém, que é essencialmente irreverente, não renuncia aos seus direitos, e sem respeito à sua origem sagrada, esquadrinha na inspiração poética tudo quanto nela exista ou transpareça de afinidades humanas: reminiscências inconscientes; formulas já usadas; ecos de dôres já carpidas; mal disfarçados plágios... Ha versos (e prosas) que denunciam imediatamente os mestres que os sugeriram, e isso não é um grande mal se o espírito do cantor lhes dá nítida individualidade. Os sinos fundidos

ANTONIO BOTTO E O SEU LIVRO "CANÇÕES"

com o mesmo bronze, podem ter o som perfeitamente distinto... O pior é o uso continuado de frases e vocábulos, que pertenceram a certas fases poéticas, e nunca lhes saíram do giro literário, marcando-lhes a data melhor do que a biografia dos autores; reproduzi-las é um suicídio...

Quem é que a inspiração de António Botto lembra? Deixemos em paz o Lamartine, o Hugo, o Musset (para citar só franceses) e toda a lacrimosa



Antonio Botto
(Busto em mármore do escultor Diogo de Macedo)

ou altisonante pleiada romantica, que assombrou o mundo nas imediações de 1830; podemos também queimar os dois astros rutilantes que se lhes seguiram: o Poe e o Baudelaire. Restam duas escolas, que formigam de poetas laboriosos, delicados, excêntricos, herméticos, engenhosos, e até líricos, tal o Verlaine na sua mais espontânea forma: simbolismo e decadentismo. Uns buscavam na análise dos casos mórbidos motivos para desinvoluções históricas, alucinações perversas, distilações de quintaessência em retortas meramente cerebrais; os outros, refugando tudo quanto fôsse didático ou narrativo, aspiravam às realidades superiores, no vago das alegorias complicadas, nas quais a

beleza plástica da composição superava muito o fito intelectual que se propunham atingir. De nada disto se encontram vestígios na poesia de António Botto: nem romantismo, nem simbolismo, nem decadentismo.

Porque haja tendência para confundir ingenuidade com pieguice, muitos poetas caem no alambicado. Mas ainda há pior, e é quando, á mingua de perspicácia para analisar o que seja humano e real, se põem a desvendar no coração, e a apontá-los como descobertas inéditas, sentimentos secretos, que não constituem segredo para ninguém, e á fôrça de estafados não passam de banalidades corriqueiras. Outros, procurando a originalidade, caçam exclusivamente o que é estranho, extravagante, abstruso, fenomenal, sem se aperceberem de que essas aves há muito que morreram às mãos fortes dos seus antepassados, e agora só aparecem empalhadas. Uma das formas singulares do poeta António Botto, consiste em exprimir alguns sentimentos requintados, despindo-os do convencionalismo burguês, ou mesmo de toda a classe de convencionalismo: tem-se a impressão ou ilusão de que brotam do fundo d'alma. E na sua propositada sobriedade, se tem versos que assomam ao alto da página como seios leves de bailarinas, logo outros seguem como frutos maduros e sucosos, tão intensa é a significação que encerram...

Cabe aos pintores o domínio da luz do dia, mas a noite quem a pode representar é o poeta; não se reproduz a côres a incomparável fantasia do luar, dos astros, das trevas, mas com palavras, espiritualmente. Assim sucede com tanta dôr, tanta agonia, cuja existência o vulgo nem suspeita. A arte subtil de António Botto exterioriza-as sem exagero nem enfatismo, com a *morbidez* que é muito sua, e uma graça tão peculiar, tão rara, que se diria estar brincando com as próprias máguas. E saem-lhe os versos de uma tão ingénua pureza, tão limpos de retórica, tão castos e virginais (mesmo quando rompem das trevas) que parecem, como as flôres na madrugada, cobertos de orvalho...

Versailles, 20-7-30.

M. Teixeira Gomes.

EM Luanda, todos os sábados, pelas onze horas da noite, partem para o mato os caçadores de pacassas. Gente audaz e vigorosa, ávida de vólupias fortes, — as do perigo ou as do crime — rapazes enérgicos e resistentes caminham, na noite negra, para as matas misteriosas da selva.

O equipamento é simples; o fato de *kaki*, o chapéu ou a boina da mesma cor, da cor do mato seco destas terras estioladas de seca; nada de tons exóticos, brancos ou álares, cores que destacando no tom da paisagem espantariam a caça. Algumas caçadeiras com zagalotes para caça miuda, como gazelas, javalis, sembos, golungos, etc., e as Mausers, as Mannlickers, de calibre 9-3, 9-5 e mesmo 10-75, para as pacassas, a caça real deste nosso sertão africano.

Vai-se de automóvel; as distâncias daqui às regiões da caça vão de 60 a 150 quilômetros. O carro prepara-se para a caçada, tirando-se a capota, o pára-brisas, tapando com rede metálica de mosquito o radiador, e amarrando fortemente as portinholas; têm de caminhar a corta-mato, sobre pedras, troncos, covas, raízes, morros de salalé (formiga branca) e mato *capim*, como se diz em terras africanas. São necessários todos estes cuidados. A rede protege o radiador das gramíneas, o pára-brisas corre o risco de se despedaçar entre os troncos, a capota é um impecilho, as portinholas amarram-se porque os caçadores vão a cavalo nelas. Além disso levam água e farnel, para as eventualidades. A caçada dura até de manhã e percorrem um total de 200 a 400 quilômetros.

Estas coisas que aqui conto não têm interesse nenhum para quem as ler em África. Em Luanda, então, decerto devem enjoar. Mas creio que não está ainda vulgarizado nas nossas terras lusas como se caça neste prolongamento africano de Portugal Maior, e porque julgo interessante e útil o que conto, conto-o assim simplesmente, sem o comentário tagarela e que dificilmente deixa de ter o sabor do chá de Tolentino. Sei que interesse pelo que revelo, e a beleza do quadro vê-la-á quem o sentir e desejar.

É a beleza do quadro resalta logo desta aventura de quatro rapazes que partem na noite para as emoções vibrantes e fortes duma luta sangrenta com feras.

A pacassa é um bovívdeo, quasi um búfalo. A pacassa é o *bobalus nanus-nanus*, o búfalo o *bobalus capher*; é um grande animal, quasi um boi, de pelo felpudo e hastes eur-

PRAZERES DE VIDA E DE MORTE

tas, fortíssimo, pesando 400 a 500 quilos. É geralmente inofensivo, mas ferido é terrível, volteia o caçador desastrado, morde-o, esmaga-o sob as patas de unhas cortantes, sob os joelhos dobrados, batendo com fúrias.

É a caçada começa assim: um ao volante, outro de farolim na mão



sondando o mato, outros bifurcados em cada lado do automóvel.

O farolim sonda a noite. Larga-se a estrada, mete-se ao mato. Árvores poucas, moitas de arbustos, uns e outros de raras fôlhas, espinhosos e bravos; e capim alto, terrenos pedregosos e estéreis; não há nestas vizinhanças a selva tropical, exuberante e bela, há terras pobres, ricas de caça.

Faróis rompendo a noite negra, iluminando o caminho a percorrer em velocidades médias de 40 quilômetros; o carro aos solavancos, a corta-mato, o farolim sondando a treva — e iluminando, súbito, os olhos dum bicho! É assim que os descobrem. A caça miuda, a gazela, o

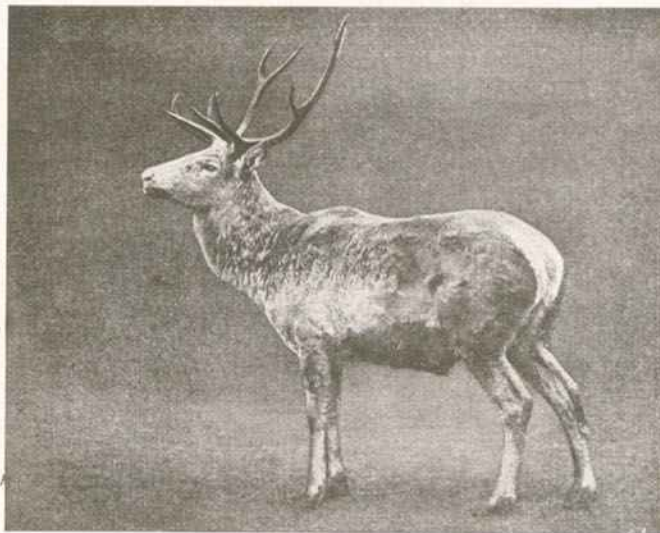
javali de África (*phacocères*), o veado, o sembo, etc., passeiam de noite pelos prados ou dormem na planície; e, súbito, o farolim ilumina uns olhos muito lindos que o espanto esgazeia; o carro corta logo a direito sobre ele e o animal foge, em saltos elásticos e nervosos, perseguido pelos roncões do motor e caindo mais além, sob as balas.

Isto é apenas um incidente na caçada. Morto, o animal é imediatamente aberto. Tiram-lhe os intestinos e o estômago. O resto das vísceras fica, para ser examinado pelo veterinário, porque a carne se destina à venda, para indígenas, na cidade. E atira-se com a vítima para dentro do carro.

As mais conhecidas regiões de caça são de nomes sonoros, exóticos aos nossos ouvidos, lembrando vagamente as nomenclaturas brasileiras — Báia, baixa do Io, *plateau* do Dande, Tábi, Ucuá, Icão, margens do Quanza, etc. Na Quisama, a 86 quilômetros de Luanda, encontra-se já o leão e o elefante, exterminados aqui.

Todavia, caçadores desprevenidos vêm-se, às vezes, face a face do leão, em locais donde ele há muito exilou os réptis passos; na margem de cá do Quanza têm morto alguns, que a ninguém contaram a fantasia nostálgica que os levou a atravessar a nado o rio infestado de jacarés; eu suspeito sempre nas grandes ideias de grandeza; mas dizem os pretos, terríveis de positivismo, que o leão atravessa o rio para fugir aos mabecos, cães selvagens que, em matilhas de 200 e mais, atacam, vitoriosos, as magestades da selva. Vê-se assim que é da lei natural que se atirem às realzas os dentes caninos da democracia. A natureza só nos ensina o triunfo do mais forte e a devorar-nos uns aos outros.

Ao romper da manhã vêm-se também as palancas, lindíssimos antílopes, grandes como cavalos, com hastes enormes de 0^m,80 a 1 metro, lançados para trás, quasi tocando o lombo com as pontas; ágeis, esbeltíssimos, correndo em velocidades tais que, a corta-mato, um automóvel dificilmente os alcança. Vivem aos grupos de 12 a 20, com a sua organização característica, o seu chefe, um macho velho que caminha à frente, vigilante, e cujos passos o bando segue dócilmente, virando quando ele vira, parando quando ele pára, fugindo quando ele foge; morto aquele, imediatamente outro lhe toma o lugar, num



acôrdo que parece prèviamente estabelecido.

Esta organização em trību é comum a todos os animais que vivem em manadas.

Sempre que nos pomos em contacto com a vida dos animais, encontramos realidades que nos surpreendem, que nos humilham na nossa vaidosa convicção de únicos entes inteligentes da terra. *L'homme n'est qu'une bulle du néant qui se croit la mesure de l'Univers*, diz Maeterlinck na *Vie des termites*; as manifestações de vida social nos bichos não podem ser uma consequência do instinto, forçosamente limitado às próprias sensações, delas provindo e para elas convergindo; são, portanto, actos de inteligência. Os animais domésticos parecem ou são menos inteligentes que os bravios, e como são aqueles que nós mais conhecemos, aquilatamos todos por uns mas os animais domésticos são pobres degenerados, entes sofrendo as consequências duma escravidão ancestral, tendo perdido a necessidade de contar consigo para se dirigir, para subsistir, para lutar; o homem a tudo lhes supre, exigindo apenas domesticidade. Enquanto que os animais da selva sofrem o domínio da necessidade-lei e, aguilhoados por ela, criaram e desenvolveram a inteligência bastante para cumprir o preceito bíblico «crescer e multiplicar».

E, entretanto, o automóvel corria no sertão, a manhã rompia abrasadora no carminado do sol calcinante; e as pacassas saíam das moitas espinhosas, impenetráveis, em que dormem, passam para beber ou para pastar.

Grupos de vinte, talvez. Há quem fale em manadas de mil... mas a palavra nem sempre serve para dizer a verdade; caminham em passo curto, grandes e pequenos, machos e fêmeas, sem ordem, o guia à frente, que é sempre um macho velho e vigoroso; quando os capins são altos e espessos só se lhes vêem as cabeças, avançando dentre aquele mar de palha.

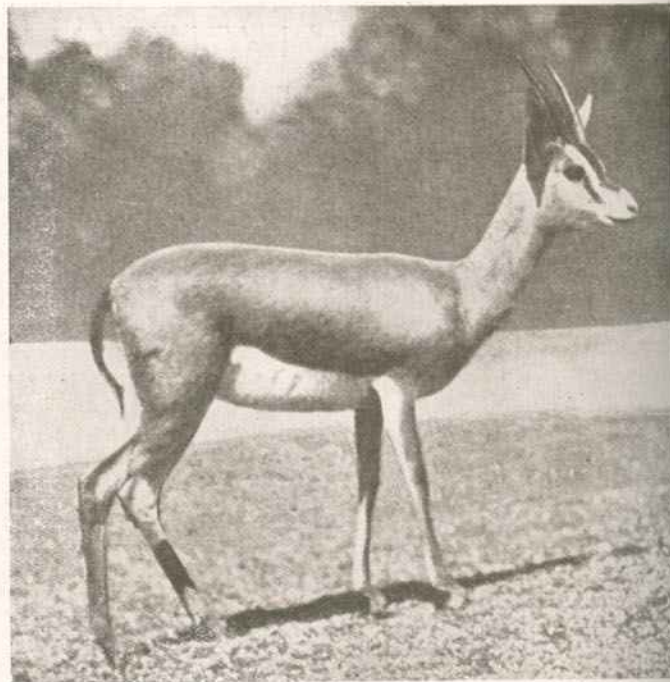
O caçador experimentado, numa re-

gião já conhecida, sabe pelo reconhecimento do local o sítio por onde as pacassas vão passar; o bom tiro é a vinte metros. O bando foge ante o estrondo das armas, mas aquela que fica ferida é fera brava, é talião pedindo olho por olho, dente por dente, pé por pé!

Também se nota o sítio onde as pacassas se encontram pelos vôos de uns passarinhos muito lindos, de peito amarelo e bico encarnado, os papacarraças, que vivem na maior harmonia com as pacassas, alimentando-se dos parasitas delas; e quando o caçador é destemido, sai do carro, e vai ter com as feras a pé. Entra nas moitas, a arma na mão, a vida por um fio — porque se erra o tiro, segue-se uma toirada trágica!

É quasi sempre se pode passar indenne pelas manadas dessas feras, se se passar inofensivo; quasi sempre... porque os bichos também têm saltos inexplicáveis de humor. Sem razão aparente, procedem da mais inesperada maneira. E há ainda o perigo de encontrar pacassas mal feridas, por anteriores caçadores desastrados, que são guias para o outro mundo, assinadas em branco.

Se se vai com tenção de matar muita caça é preciso levar uma camionete para a trazer; porque cada pacassa peza em redor de 400 quilos e o automóvel não comporta mais de duas, partidas e amarrados onde puder ser. Os caçadores vêm sentados onde calha, estiraçados por cima



delas. Muitas vezes sucede ter de se deixar em monte algumas das feras abatidas, guardadas por dois ou três caçadores, por se tornar impossível transportá-las tôdas.

Volta-se seguindo o trilho aberto pelo carro no mato, única forma de regressar ao ponto donde se partiu, fio de Ariana para uso de novos Geseus. E deve-se voltar cêdo, para poder vender a carne morta na Companhia dos Soldados Indígenas ou no Depósito de Degredados.

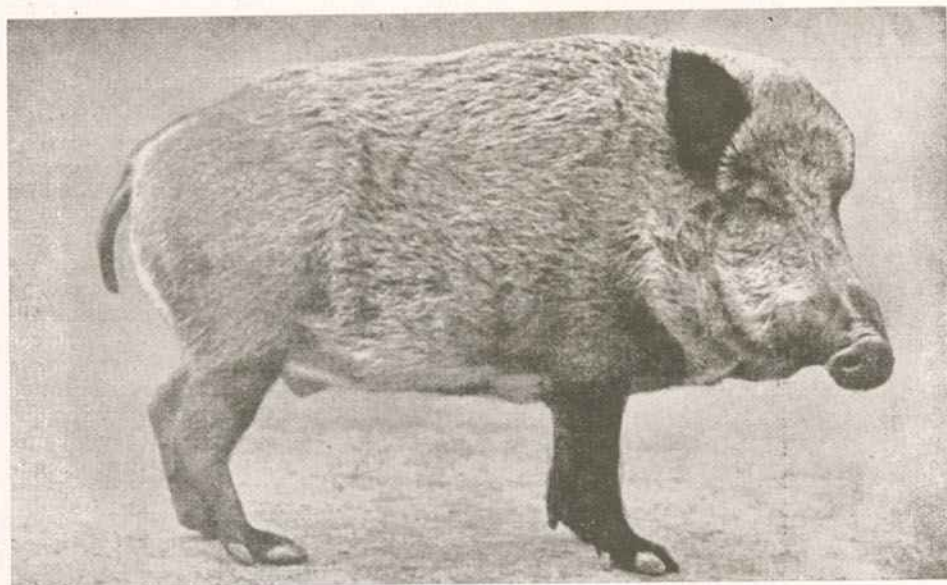
Se se regressa tarde corre-se o risco de ser antecipado por outros caçadores, e é desagradável, porque estas caçadas são prazeres dispendiosos, e é preciso que o prego das rêzes abatidas compense a despesa feita.

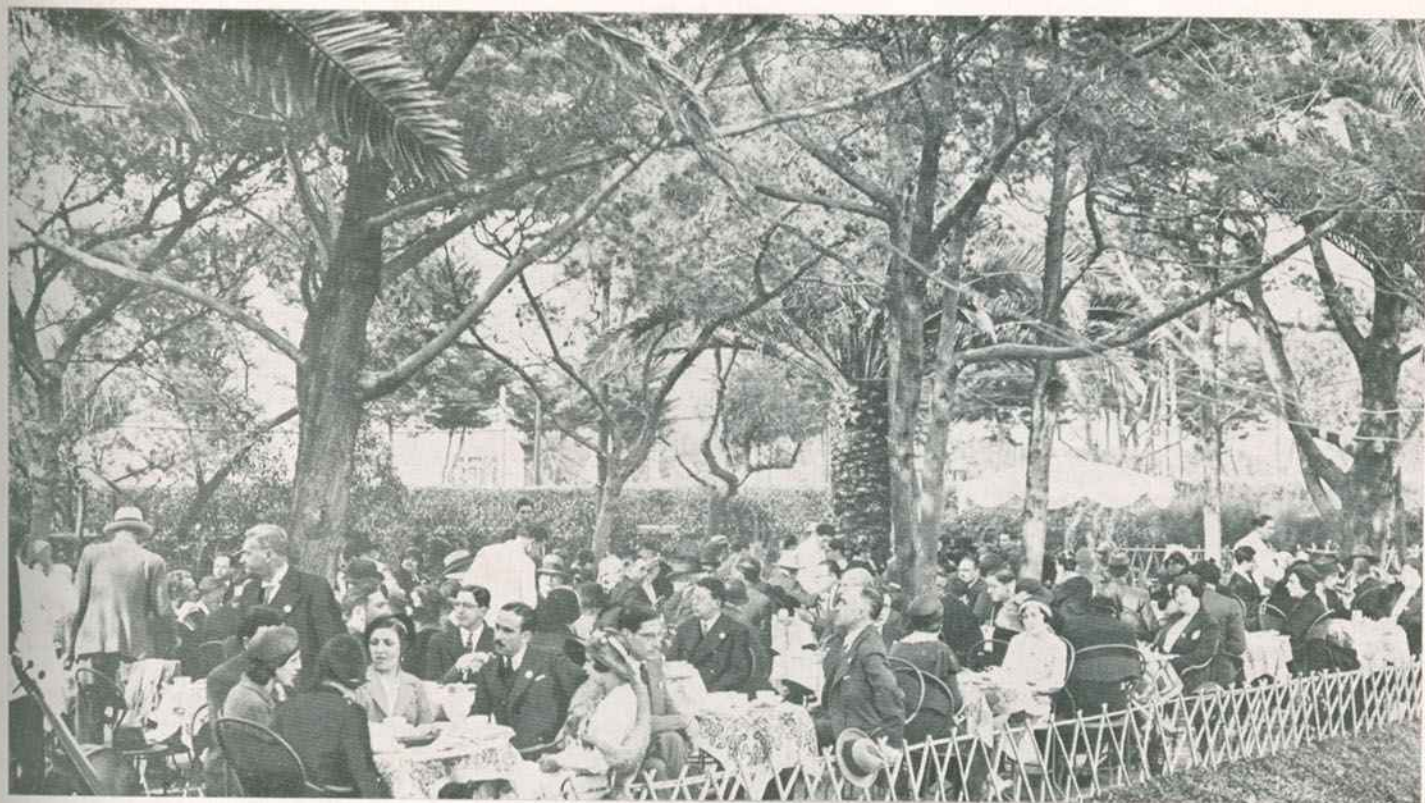
Mas nem tudo são prazeres nestes festins de vida e de morte; há cenas trágicas, há cenas de massada. Há a colhida sangrenta, há o automóvel em *panne*, forçando o caçador a andar a pé cem quilômetros, sem água nem pão, sobre o solo arenoso da selva e sob o sol calcinante; e há também o episódio de amor, de dedicação e sacrifício, que dá quasi sempre o macho do antílope, quando acasalado, o qual endoidece de dôr ante a morte da fêmea, e a procura, indiferente às balas, sofrendo a morte numa alucinação de dôr psíquica, que é tôda uma eutanásia!

Donde se conclui que se refugiaram nos bichos certas virtudes que os homens perderam.

É apesar de todo o perigo iminente, todos os sábados, em bando, partem para o mato os caçadores de pacassas, ávidos de volúpias fortes — as do perigo ou as do crime — caminhando na noite negra para as matas misteriosas da selva.

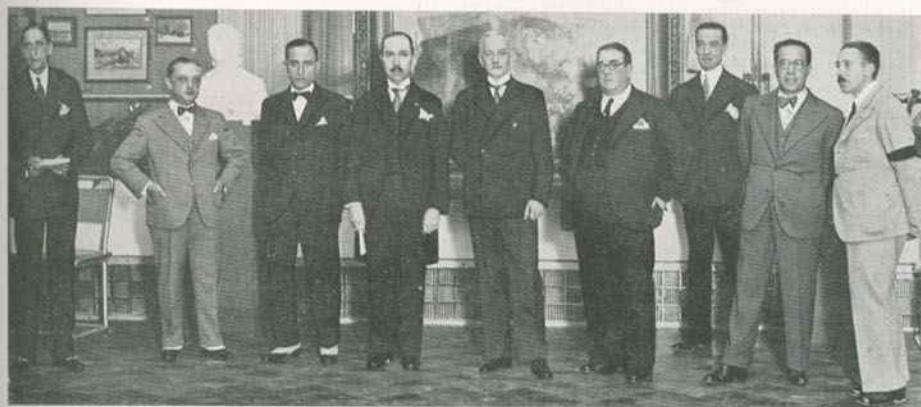
Maria Archer.





Um encantador aspecto panorâmico dumã manhã de sol no Tamariz

(Foto Miguel Reis)



O Chefe do Estado, acompanhado do sr. ministro da instrução, inaugurou, na semana passada, a Exposição de Pintura e Escultura, no hall do Casino Estoril

A vida
artística
e elegante
na
Costa do Sol



Três aspectos da Gymkana Automobilística que se efectuou no passado domingo no Parque Estoril

(Fotos Serra Ribeiro)

A influência portuguesa na República da Letónia

O espírito da aventura que vive latente no peito de qualquer português; o desejo de conhecer terras muito afastadas do extremo ocidental da Europa e a curiosidade de me pôr em contacto com os povos que estiveram submetidos longo tempo ao domínio russo, levaram-me um dia a abalar de Portugal a caminho das novas repúblicas bálticas, a Lituania, a Letónia e a Estónia, por onde andei perdido durante um mês, surpreendendo civilizações e costumes, bisbilhotando os bastidores da política, usando como meios de transporte o vapor, o avião, o comboio e o automóvel e parando, finalmente, a uma dezena de metros da fronteira soviética, tentado em rasgar o véu misterioso que envolve a Rússia dos homens-máquinas e das cidades de aço...

Dos três países que visitei largamente, a Letónia, a antiga Latvia, foi o que mais intensamente fez vibrar o meu espírito de "reporter", apaixonando as minhas faculdades de trabalho. Riga viveu na minha intimidade durante uma semana. Dançámos os dois no Alhambra (porque será que em todas as cidades há sempre um cabaret chamado Alhambra?), e no A. T. o *dancing* mais característico de Riga; tomámos café no Schwartz.

Um *droska* levou-nos em peregrinação pelas ruas da cidade e de noite, envoltos na ampla capa das trevas, sentimos o eco dos nossos passos repercutir-se lugubremente nas ruelas mediévas da Vecpilsēta...

No *Dailis Teatri*, um teatro moderno com um leve sabor parisiense, afundado num *fauteuil* vermelho, assistimos verdadeiramente maravilhados à representação duma ópera nacional, com tóda a *mis-en-scène* berrante e colorida do teatro letão... E apesar de nos cartazes se anunciar um espectáculo absolutamente nacionalista, eu encontrei nos cinco actos da ópera, laivos do teatro russo, tão belo e tão espectacularo...



Um grupo de camponesas

O acaso, o patrono do jornalista, fez-me conhecer numa bela tarde na praia de Riga a grande *vedetta* do cinema letão que é Lya Mara, um nome que as plateias cultas portuguesas sabem de côr, mas que julgam que é alemão. Lya Mara, a maior expressão do cinema do seu país, é uma figura delicada de mulher que ficou gravada nas meninas dos meus olhos... Encontrei-a dias



Lya Mara, atriz de cinema letão em um traje nacional

depois, numa festa nacionalista, envergando, orgulhosamente, um traje nacional, um belo figurino de carnaval...

A influência portuguesa que se espalhou por todo o mundo, deixou um rasto na Letónia, um traço que se vai apagando, que a próxima reforma de algumas leis antigas fará desaparecer de todo. Refiro-me aos éditos publicados com força de lei pelo governador de Riga, um português que se chamou general Pamplona, conde



Uma cerimónia religiosa ortodoxa

de Subserra, um grande amigo de Napoleão, quem o *corso* cumulado de honrarias durante a campanha da Rússia... Com o rodar dos anos as proclamações do governador português foram catalogadas como leis, depois de profundamente alteradas e reformadas.

Numa tarde doirada pelo sol a caminho do poente, fui à catedral russa presenciar as cerimónias religiosas ortodoxas... Simultaneamente vários padres dirigiam preces a Deus, em voz alta, sonoramente, cada um em frente do seu altar... Lamentavam a sorte dos seus irmãos vítimas da ferocidade bolchevista e pediam a Deus, para eles, a sua divina protecção...

A Letónia que vai brevemente comemorar o 14.º aniversário da sua independência, é um país essencialmente agrícola, possuindo uma das mais completas reformas agrárias que há na Europa. O país foi dividido em herdades de 30 hectares que estão entregues aos agricultores que as cultivam e delas tiram os seus lucros entregando ao Estado uma parte para paga dos fornecimentos em máquinas, sementes, gado, etc., que a repartição da agricultura faz a todo o camponês.

As herdades na Letónia são belos exemplos de trabalho e de amor do camponês pela terra. Todo o terreno é cuidadosamente aproveitado, e as sementeiras fazem-se sob as indicações de peritos postos às ordens dos que querem concorrer para o progresso da Pátria.

Acompanhado pelo dr. Blilmans, ao tempo chefe da secção da imprensa no ministério dos Negócios Estrangeiros e actualmente ministro da Letónia em Moscovo e pelo sr. D. Brakman, ilustre consul de Portugal, eu e o meu colega Tóres de Carvalho visitámos uma das mais características herdades letãs pertencente ao sr. Hermann Liepin, em Sunieja, onde fomos recebidos com as maiores demonstrações de carinho e de simpatia, admirando-se o seu proprietário que nos tivéssemos deslocado dum ao outro extremo da Europa.

Antes de abandonarmos Riga, fomos em peregrinação artística ao Museu onde se admiram alguns quadros. Quasi todos



Uma herdade da Letônia

evocam cenas da vida nacional, e eles constituem, eloqüentemente, uma afirmação do valor mental e intelectual do povo letão.

Na minha longa viagem pela Lituania, Letônia e Estônia, surpreendi, até onde me foi possível chegar, os preparativos militaristas destes países perante o perigo duma invasão bolchevista.

É interessante frisar que sendo polacos, lituanos, letões, estónios e finlandeses, antigos subditos dos imperadores de todas as Russias, e, actualmente povos livres graças ao triunfo da revolução comunista, agora, mais do que nunca, a luta pela conservação da integridade nacional mantém-se latente, mais viva... E é natural que assim tenha de acontecer, sabendo-se que os agentes vermelhos não descançam na sua espinhosa missão de espionagem, e que os tentáculos da Tcheca estendem-se como os braços dum polvo, pela Europa, procurando estrangular a vitalidade dos povos que humanamente conquistaram o direito de viver, o sagrado direito de serem livres...

No entanto o reconhecimento das novas repúblicas bálticas pela U. R. S. S. não obsteu a que estónios, letões, lituanos e polacos se preparassem contra qualquer visita desagradável, contra uma provável invasão dos soldados vermelhos.

Hoje, ao longo de toda a fronteira que se estende desde as montanhas álgidas do norte da Finlândia, até às primeiras ramificações dos Carpatos, ergue-se em frente da Rússia bolchevista uma cadeia de ferro, aço e fogo que dificilmente será transposta. O pesado encargo que as antigas províncias russas tomaram ao proclamar a independência, e ao declararem-se estados anti-bolchevistas, creou-lhes a simpatia das potências europeias que recebavam a propagação das ideias revolucionárias de Lenine.

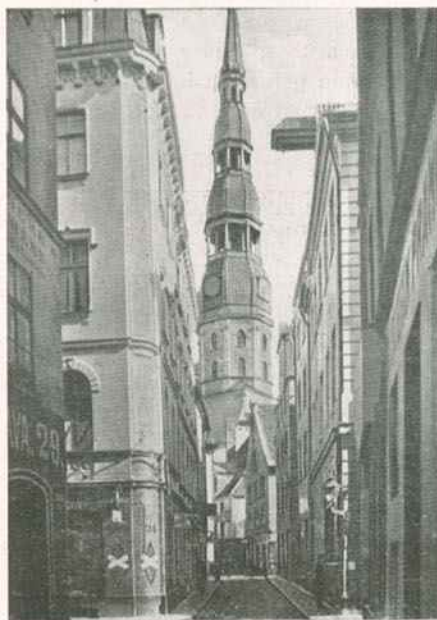
Por outro lado o contacto permanente com os soviets e com os elementos revolucionários que se espalham por todo o mundo, obriga a Finlândia, a Estônia, a Letônia, a Lituânia e a Polónia a possuírem admiráveis exércitos, disciplinados, aguerridos, prontos a marchar à primeira voz para a fronteira.

Narwa, Rítufe, Kaunas, Wilna e Lem-

berg, são os grandes pontos estratégicos, os caminhos indicados para uma invasão e onde se encontram concentrados os poderosos núcleos militares dos Estados aliados que têm a seu cargo sustentar a onda bolchevista.

Mas além dos exércitos dirigidos por grandes cabos de guerra como o general Laidoner, o "homem" da independência da Estônia;

Penikis, o organizador do exercito letão e Pilsudski, o defensor da Polónia, todos os cidadãos destas novas repúblicas são membros duma milícia a



Rua de Riga. Ao fundo a maior torre de madeira do mundo

quem compete a manutenção da ordem nas ruas—quando a policia fôr impotente,—e que em caso de guerra são excelentes soldados. Cada um destes "guardas-civicos" tem na sua residência um armamento completo para o primeiro toque de unir fileiras.

Nos letões eu fui encontrar, como em nenhum outro povo, elevado ao mais alto grau o culto pela Pátria. Amam entranhadamente a Liberdade e gosam-na com a ventura que só os que viveram oprimidos a sabem gosar.

E aí daquele

que se atrever a manifestar as suas idéas de opressão... Paga caro tal audácia.

A invasão bolchevista que os países conservadores receiam, é por enquanto uma inofensiva "blague", um "papão" que os reacionários, os bons burgueses endinheirados apregoam ás massas a fim de viverem socegados o resto dos seus dias. Os ditadores vermelhos—e esta impressão radiquei-a no meu espirito no decorrer da viagem—, não têm ambições absorcionistas alcançadas á fôrça das armas. Deixam esse trabalho ao cargo dos seus agentes, dos oradores que têm espalhados por todo o mundo. No entanto se um dia o Exercito Vermelho se resolvesse a varrer o resto da Europa a ferro e fogo, contra ele erguer-se-hia imediatamente, ao longo da fronteira, uma muralha de ferro, fogo e aço.

E até lá podemos dormir descansados.

Um dia um oficial comandante dum regimento da provincia, admirador e defensor da politica fascista, pretendeu, como Mussolini, organizar uma marcha guerreira sobre Riga, derrubar pela fôrça das armas o poder central e proclamar uma ditadura. Imediatamente o exercito em péso caíu sobre o alucinado que não teve outro remédio senão render-se. A opinião pública condenou a atitude do oficial rebelde e a imprensa chegou a exigir para êle a pena capital.

Foi julgado. No tribunal militar juizes houve que votaram pela pena de morte, mas a sentença lavrada exautorou-o de oficial do exercito e condenou-o a prisão perpétua. O movimento fascista foi encarado como um insulto à constituição e à liberdade, e tanto mais justamente repellido pelo povo, quanto é certo que ainda não tinham passado muitos anos depois que a Letônia se tinha liberto da tirania opressora dos bolchevistas e na memória de todos ainda viviam os dias angustiosos da escravidão a que os sujeitaram os Romanoff.

A visinhança da União das Repúblicas Sociais Soviéticas, obriga o tesouro letão, assim como o finlandês, o estónio, o lituano e o polaco, a um sacrificio enorme, quasi incomportável, gastando somas fantásticas com os exercitos, que para países pequenos, são fantásticamente grandes.

Armando de Aguiar



Mise-en scène duma opera letã



á pesca

○ Silvério tinha a mania de fazer perguntas e o Libânio a de responder a tudo. É dêles esta conversa:

— Quai é o ideal do homem?
 — Não fazer nada.
 — Onde vem a palavra nada?
 — Do mar.
 — Quem a empregou pela primeira vez?

— Um marido.
 — Em que ocasião?
 — Quando a mulher se estava a afogar. Ela pedia socorro e êle com a atrapalhadoção não lhe disse nada; e vendo-a submergir gritou-lhe então: "Nada, nada, que te afogas" mas quando êle lhe disse "nada" já era tarde.

— Que beneficios traz ao homem o não fazer nada?
 — Um só: enquanto não faz nada, não faz coisas peiores.

Num romance policial, fala o dectetive:
 — Estava eu procurando reconhecer umas impressões digitais quando me apareceram dois homens, que me disseram serem pai e filho.

Depois de uma rápida observação conclui que o mais novo era o filho.

— Eu quando compro um par de sapatos, no primeiro mês soffro horrivelmente.
 — Então, porque não comesas a usá-los no segundo?

Conversa com um fanfarrão:
 — Dizem que houve um terramoto na tua terra...
 — É verdade.
 — Deves ter tido muito medo?
 — Eu não. A terra é que tremeu...

No acompanhamento dum enterro:

— E porque foi que êle se suicidou?
 — Neurastenia... Andava sempre aborrecido...
 — Mas que maneira tão extraordinária de uma pessoa se distrair...

Um petiz aproxima-se dum sujeito e pergunta-lhe:

— O senhor perdeu uma moeda de dez mil reis?
 — Perdi sim, fôste tu que a achaste?
 — Não senhor, mas ando a contar as pessoas que perderam hoje uma moeda de dez mil reis e já vou na noventa e trez!

Um sujeito muito curto de vista, entra no barbeiro, tira os oculos e pede que lhe façam a barba.

Muito tempo depois de terminado o trabalho, diz-lhe o barbeiro:

— Não durma. A barba já está feita.
 — Não estou a dormir, responde o freguez, mas como sou miope não me via no espelho e julguei que já me tinha ido embora.

No escritório do empresário teatral:
 — Desculpe, meu caro senhor, mas eu, embora goste muito de ajudar os novos, só represento a primeira peça dum autor, depois dêle ter o nome feito.

— Prefiro os grandes quadros.
 — O cavalheiro é crítico de arte?
 — Não senhor, sou fabricante de mol-duras.

Entre marido e mulher:
 — A cozinheira foi-se embora porque tu, quando falaste ao telefone, fôste muito malcreado.
 — Desculpa, minha filha, mas julguei que eras tu quem estava ao aparelho...

Um bebado tinha a mania de ir para o cemitério desafiar os mortos.
 Um dia o guarda escondeu-se atraz dum jazigo com um grande cacête e quando o bebado apareceu com os seus desafios, pregou-lhe uma sóva mestra.

Prêso o bebado, foi responder ao Tribunal dos Pequenos Delitos:

— O senhor, julga que há o direito de desafiar os mortos?
 — E o senhor juiz julga que há o direito de enterrar um morto com um cacête?...

Um homem quiz suicidar-se e atirou-se do alto dum quinto andar; mas caiu em cima dum caminhão carregado de pneumáticos e ficou aos saltos. Ao fim de seis dias ainda andava para cima e para baixo.

Então a família chamou um visinho caçador e pediu-lhe que desse um tiro no desgraçadinho, para êle não morrer de fome...

— Eu sou tão distraído, dizia o Lopes, que às vezes confundo-me com outro e insulto-me a mim próprio.

— Isso não é nada, atalhou o Ribeiro. Eu sou muito mais distraído. Um dia ao sair de casa fechei a chave e meti a porta na algibeira!

No albigébe:

O freguês: — E o senhor, garante-me que êste fato é tôdo de lâ?
 O caixeiro: — Para lhe falar com franqueza os botões são de osso.

Entre amigos:

— Minha mulher é tão económica que um leque dura-lhe dez anos, porque quando se abana só abre um bocadinho e depois dêsse bocadinho estar velho é que abre outro bocadinho e assim sucessivamente.

— Pois a minha mulher ainda é mais económica, porque quando tem calor abre o leque em frente da cara e abana com a cabeça.

O patrão: — Eu exijo dez horas de trabalho.

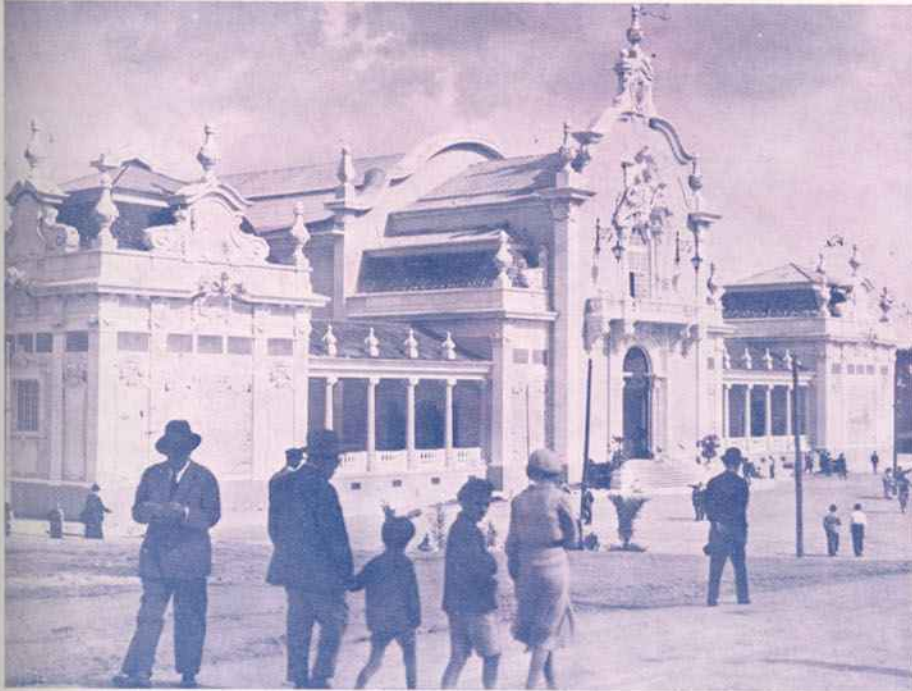
O operário: — Em quantos dias?

O sapateiro vai receber uma conta.
 — Hoje não lhe posso pagar. Faça favor de passar cá quinta-feira, disse-lhe o freguês.

— Quinta-feira não estou em Lisboa.
 — Nem eu.

O pescador — Lino Ferreira.

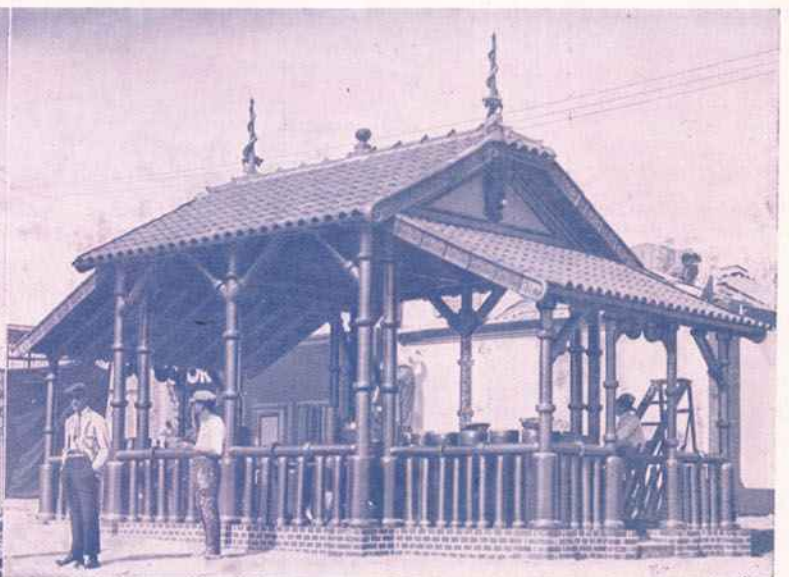
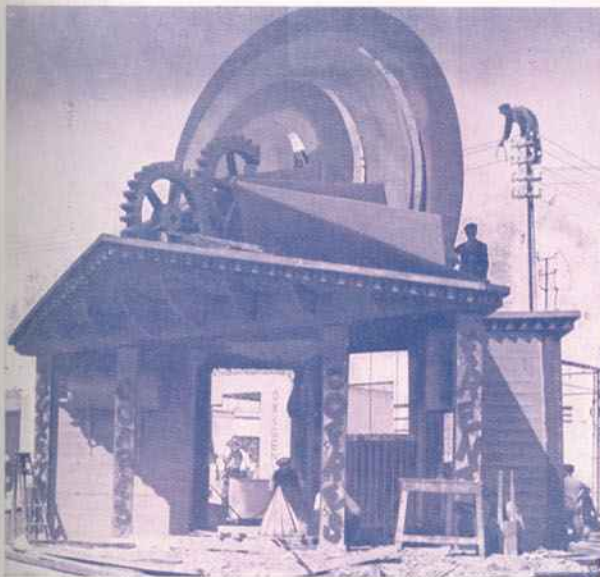
A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA



Aspecto geral do Palácio de Festas onde se vai realizar a Exposição Industrial Portuguesa



A figura da Indústria domina o recinto onde se construíram algumas dezenas de stands



Dois dos mais interessantes stands ainda em construção



Os quatro regulos da Guiné, o príncipe Abduiholder, acompanhado da sua comitiva, no hall do Palácio de Festas

O sol e a mulher



A mulher, este verão, por esse mundo fóra, ficou cõr de bronze... Expondo o corpo ao sol abraçador, permanecendo horas e horas sob a sua influencia, a sua pele foi escurecendo pouco a pouco, até se tornar da cõr que nos mostra a gravura. Na praia de Eden-Roc houve um concurso original: a senhora mais queimada ofereceu-se um valioso prêmio. Ganhou-o uma rapariga de dezoito anos, que se apresentou, perante o jury tão negra, tão negra, que mais se diria uma mulata do que uma ex-loirinha parisiense...

A cura do cancro?



A medicina avança. Na América do Norte, um ilustre sábio americano Ellice Mac Donald, comunicou à Academia do seu país, ter descoberto a maneira de destruir a célula do cancro. A ser verdadeira a comunicação, muito terá a ganhar a humanidade.

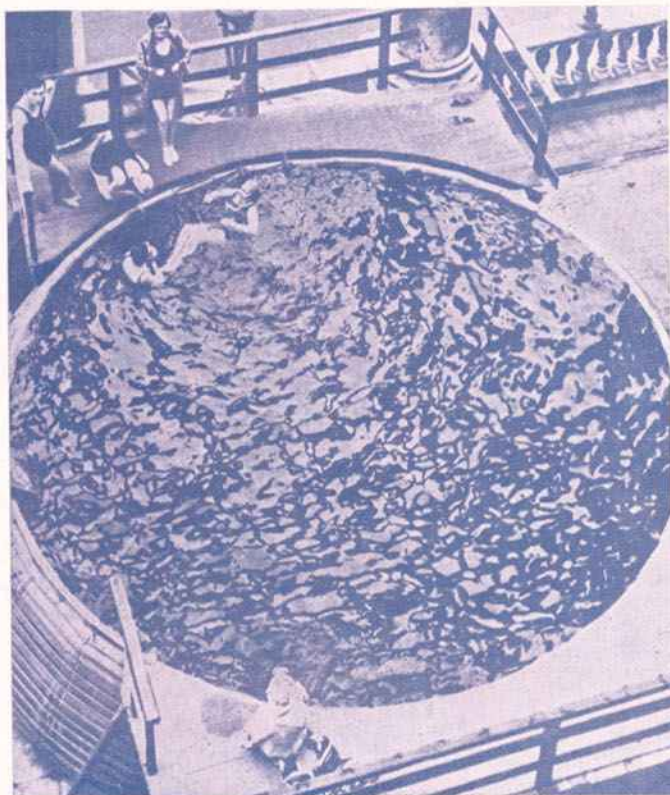
A graça alheia



O vegetariano, indignado:
—PIZESTE-ME DOER, MAS VINGO-ME DE HOJE EM DIANTE DEIXO DE SER VEGETARIANO.

PELO MUNDO FÓRA

O calor em Londres



No telhado dum grande hotel, situado em Piccadilly Street, em Londres, foi inaugurada recentemente uma piscina de caoutchout, que tem sido a alegria dos hospedes e de numerosas pessoas que ali têm organizado festas. Londres, apesar de ter muitos praias à sua volta, consegue dessa maneira, inventar mais pretextos para divertimentos alegres e higienicos.

Poincaré e os antigos combatentes



DEPOIS de terem visitado, em auto-car, durante sete dias, os campos da batalha da grande guerra, na Alsacia e na Lorena, cerca de trezentos membros do Grupo da Região de Paris, da União Nacional dos Antigos Combatentes, foram recebidos em Sampigny pelo sr. Poincaré, antigo Presidente da República Francêsa. Uma delegação subiu à varanda da residência onde o grande democrata está repousando e dali anunciou o aparecimento do *homem da guerra*. Poincaré, num breve discurso, agradeceu, com os olhos marejados de lagrimas, tão simpática manifestação de carinho e de apreço. As suas palavras foram coroadas de aplausos.

A familia voadora



UMA familia americana, composta de mulher, marido e dois filhos, um de seis anos e outro de oito, acompanhados de quatro mecânicos lançou-se na aventura de fazer a travessia New-York-Escócia. A imprensa apelidou-a de «familia voadora». O aparelho, porém, caiu em pleno Atlântico onde esteve à mercê das ondas durante oito horas.

A beleza feminina



PARA conservar a beleza, ou para a fazer realçar, a mulher passa a torturas. Cs Institutos de Beleza nascem por essas cidades, em catadupas. Os aparelhos nesses estabelecimentos são de todos os feitios, e de todos os tamanhos. Desde a máscara, aos oculos, às correias, aos ganchos, tudo serve para lhe aformosear o rosto. Esta pobre senhora, que aqui se vê, passou as mais dolorosas inclemências para tirar três sardas que tinha no nariz. Se freu, quasi, um tormento inquisitorial... e as sardas, provavelmente, voltarão a aparecer...

A graça alheia



MANEIRA PRÁTICA DUM «ESCAFANDRADO» SÃO OUVIR A MULHER.

Lupe Rivas Cacho



No Teatro Eslava, de Madrid, está trabalhando uma companhia mexicana, que tem à frente o ilustre artista Lupe Rivas Cacho.

Corridas de avestruzes



No Stadium Buffalo, de Paris, efectuaram-se, este verão, curiosas corridas de avestruzes, a que assistiram mais de quinze mil pessoas.

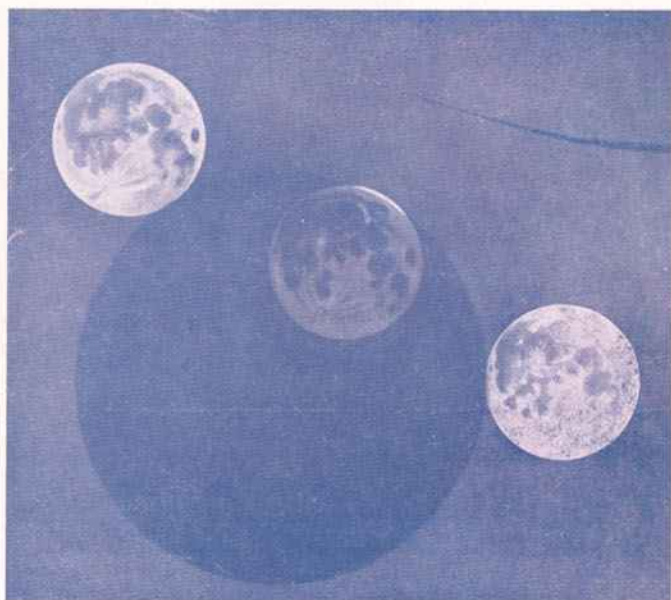
A graça alheia



— VAMOS, MENINO, DÊ UM BEIJO À TIA.
— MAS EU NÃO FIZ MAL NENHUM.

PELO MUNDO FÓRA

O eclipse da lua



Na noite de 14 de setembro foi visível em Portugal um curiosíssimo eclipse da lua. No entanto, entre nós, pouco foi notado, limitando-se os Observatórios a registar o fenómeno e os jornais a darem em duas linhas a notícia. Em Londres, a população veio para a rua e observou, com atenção o interessante espectáculo, que se passou como se vê na gravura.

As grandes famílias



Em Gourgé, região de Deux-Sèvres, em França, existe uma família composta de 67 membros, 48 dos quais se vêem reunidos na gravura que publicamos acima. O velho Pierrè Ricot, teve sete filhos, estes por sua vez tiveram vinte cinco e estes, ainda, trinta e cinco. Todos, excepto uma rapariga, ficaram fieis à sua terra e à propriedade que o avô conseguiu obter, ao fim de quarenta anos de trabalho. E lá vivem.

A dissolução do Reichstag



O novo Reichstag, eleito em 31 de julho último, e que reuniu, pela primeira vez, no dia 30 de agosto, foi dissolvido a 14 de setembro, quando da sua segunda reunião, em condições, talvez sem precedentes nos anais do parlamentarismo alemão. Foi uma sessão agitada, tendo havido cenas de pugilato. A fotografia foi tirada no momento em que o presidente Goering (1) diz o resultado do voto de confiança ao governo.

O ex-rei Afonso XIII



Em Modling, em Viena, efectuou-se há três semanas, o baptizado de Stefan de Habsburgo, filho do príncipe Aoton de Habsburgo e da princesa Iliana da Romania. O ex-rei de Espanha, D. Afonso XIII, foi o padrinho.

O plano quinquenal



Para levar a cabo a obra colossal a que se propôs a União das Repúblicas Soviéticas: o plano quinquenal, são necessários muitos braços e muitas boas vontades da parte dos operários russos.

A graça alheia



— AQUELE REMÉDIO QUE LHE ACONSELHEI PARA O REUMATISMO FEZ-LHE BEM?
— NENHUM.
— É EXTRAORDINÁRIO! NEM A MIM!



Um complemento perigoso: o submarino transportado a bordo um navio

O Mundo não depôs as armas. Por toda a parte os meios de destruição se intensificam, se aperfeiçoam.

No isolamento dos laboratórios ignorados do público, muitos sábios consomem energias e inteligência procurando a utilização criminosa das maiores conquistas do espírito humano. Os germes das piores doenças, os gases mais tóxicos, os explosivos de maior poder, — de tudo o homem lança mão na sua fúria louca de ódio e extermínio.

A guerra não acabou. Prossegue ainda hoje através das chan-



Exercício de aviação ligeira

a sua melhor arma. As nações continuam a debater-se entre si, agora numa luta surda pela supremacia imperialista, dentro de concepções opostas aos ideais de paz, vendo apenas no desarmamento a redução das forças dos seus adversários e o conseqüente engrandecimento próprio.

A guerra é mal crônico da humanidade e a civilização só a tornou mais cruel e efectiva. Um avião de bombardeamento pode destruir uma grande cidade. Uma mina dissimulada no fundo do mar basta para fazer naufragar em poucos momentos, um grande transatlântico. E' na destruição que é preciso ir procurar as mais vigorosas manifestações do génio humano.

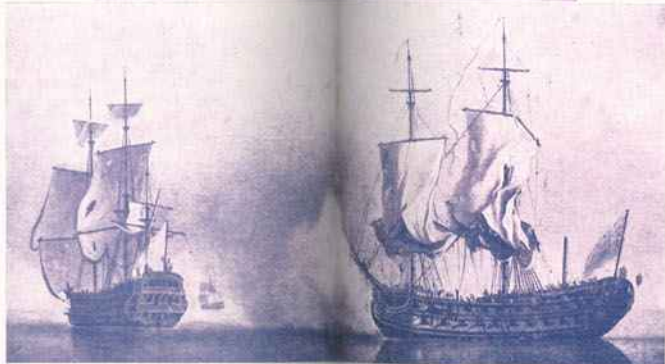
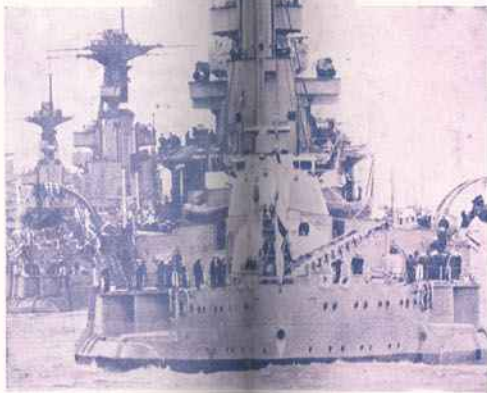
Para que a guerra se tornasse impossível sabe-se hoje que seria preciso o Mundo depor as armas, esquecer todos esses inventos malditos, criados pelo homem para extermínio do homem.

Antes de 1914 pensava-se, ingenua-

COMO SE PREPARA A PAZ...

mente, que uma Europa em armas tomava nas vésperas do conflito mundial, a ver-
homens públicos da época tiravam da corrida aos armamentos, que todos os países então faziam, a conclusão de que um conflito armado seria impossível. Todas as potências se receariam, mutuamente, e nenhum outro risco adviria à humanidade do que um aumento indefinido dos meios de agressão e defesa.

A trágica experiência dos quatro anos que decorreram entre 1914 e 1918 veio demonstrar o erro desses raciocínios. Mas o mais grave é que dessa experiência nada foi aproveitado. Se em alguns pontos a divisão dos armamentos e a relação dos valores e guerras entre as potências são diversas, do que



Do ano 1800...

Que o queiram ou não os pacifistas bem intencionados, a paz corre hoje sério risco. Não bastam para a garantir a recordação desses quatro anos da mais espantosa tragédia, a literatura revoltada que nela teve origem, nem os pactos solenes que se seguiram a esse período sombrio da história da humanidade. Uma paz efectiva, sólida, só um desarmamento completo a poderia estabelecer. Mas isso é irrealizável enquanto a descon-

fiança não for substituída por uma clara compreensão, nas relações internacionais. A transcendência do problema do desarmamento é, portanto, incalculável.



Um tank do exército inglês cujos tripulantes vão preparados para enfrentar os gases

vel. Dêse depende, sem dúvida, a guerra ou a paz. E a guerra, sob a sua forma mo-



Arabêtes ameadores

derna, revestida de todos os requintes que a civilização lhe proporciona, pode significar o extermínio duma raça, o aniquilamento duma civilização.

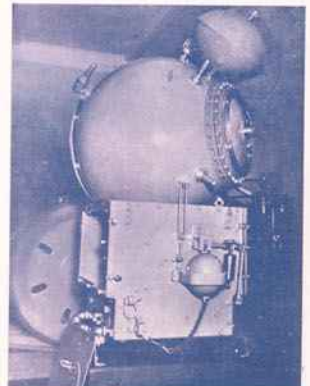
Vai reunir de novo a Conferência do Desarmamento, e nela se fixam as atenções dos povos do mundo inteiro, ansiosos de paz. Não é já difícil prever-lhe um fracasso para que tudo parece contribuir. Mais uma vez os técnicos terão a palavra. Repetir-se-ão as intermináveis discussões sobre armamentos ofensivos e defensivos, sobre tonelagem de couraçados e alcance de canhões. E de tudo isto nada resultará de util para a causa da paz. As nações continuarão armadas, acumulando energias de destruição, roubando á riqueza mundial imensos valores, prontas a primeira voz a lançarem-se umas contra as outras para satisfação das suas insofridas ambições imperialistas.

Do que se poderá, talvez, concluir que o desarmamento não será obra duma con-

ferência. Nunca êle se fará com argúcias de diplomacia, mas sim por uma colaboração sincera entre os povos, no dia em que êstes tiverem aprendido a compreender-se.

A verdade, porém, é que nunca as nações estiveram tão distantes dessa compreensão. As exigências alemãs em matéria de igualdade de armamentos, a oposição da França, as perturbações no Extremo-Oriente, o conflito boliviano-paraguaio, os incidentes de Memel e Dantzig, dão bem uma ideia da desorientação cujas con-

sequências não é ainda possível prever.
Manuel L. Rodrigues



Um mina submarina com todas as delicadas peças necessárias para destruir um navio

Um vôo bem planejado que pôde servir para reduzir uma capital a um montão de destroços

CINEMA

Balanço de estreias

TERMINADA a época cinematográfica e a poucas semanas do início da nova e prometedora temporada, parece-nos oportuno recordar o que foi esse período de exhibições e quais as estreias que, por suas qualidades, nela mais se fizeram destacar.

Não é nossa intenção dar ao leitor uma resenha completa e exacta dos filmes estreados. Nem tão pouco estabelecer uma selecção crítica. Pretendemos antes seguir o fio da memória, procurando de entre os filmes cuja recordação nos ressalta extrair as linhas gerais do movimento da arte cinematográfica nos últimos meses. Assim, ficam desde já justificadas as omissões, que porventura se dêem, e que não devem ser consideradas como consequência intencional duma escolha.

A obra mais notável apresentada na época que termina foi, quanto a nós, *Matou!* o impressionante filme de Fritz Lang tão bem acolhido pelo público como pela crítica. Apesar das sérias restrições que se lhe podem fazer pelo que diz respeito ao seu argumento, *Matou!* é uma obra-prima da técnica alemã e um filme perfeito no género de emoção e horror.

O filme cómico decaiu sensivelmente, o que pode ser atribuído, com justiça, a influências do fonocinema. Na verdade, os factos têm demonstrado que os grandes actores do riso encontraram na sua adaptação ao cinema falado uma maior dificuldade que quaisquer outros artistas. Daí

a evolução do filme cómico ter sido mais lenta do que a de qualquer outro género de produções cinematográficas.

À frente dos filmes cómicos estreados e numa classe bem à parte, encontramos *Luzes da Cidade*, a última produção de Charlotte-Exibido com considerável atraso sobre quasi todos os países europeus, beneficiou por isso mesmo duma maior expectativa do público. Duma maneira geral *Luzes da Cidade* não é um filme melhor que qualquer dos anteriores trabalhos de Charlotte. É talvez mais emotivo o que dá à sua bela tragédia grotesca um certo ar pretencioso que não lhe vai bem. Além disso, não é um filme tão silencioso como os partidários teimosos do «mudo» podiam desejar, e as suas transigências dão conta do enorme poder de absorção que o fonocinema dispõe.

Harold que vimos em *Harold Treppe-Treppe* não colheu com este filme novos louros. Provoca, é certo, o mesmo riso alegre e espontâneo de outros tempos. Mas repete-se um tanto, e uma parte da sua atenção é desviada no sentido do diálogo o que prejudica, para nós, o seu grande poder de comicidade. O mesmo sucede com Buster Keaton que nos seus filmes *Em Frente Marché!*, *Fabricante de Estrelas* e *Pamplinas em Pijama* marca uma lenta evolução que não logrou ainda atingir o nível a que as suas produções silenciosas o haviam feito subir.

No género humorístico, mas dum carácter diverso tivemos ainda duas produções curiosas que merecem ser evocadas: *1980* e *Tio Sam na Corte do rei Artur*. Há grande número de similitudes nestas obras. A mais evidente é a sátira espirituosa, por vezes mesmo profunda, dos costumes americanos a que servem de máscara essa visão fantástica do futuro e a ressurreição da corte lendária do Rei Artur.

Dois grandes documentários — *A voz de África* e *Trader Horn* — representaram entre nós, um género, infelizmente pouco abundante. São ambos filmes de categoria, tanto sob o ponto de vista artístico como cultural, este um tanto prejudicado, em *Trader Horn* pela utilização de alguns *trucs* hábeis.

A primazia no favor do público acentuou-se para o género opereta. *O Congresso que dança*, *O Tenente Sedutor*, *Dois num automóvel*, *Rapaz ou Rapariga?* e *Um homem feliz* foram os principais êxitos da temporada. Resta reconhecer as inegáveis qualidades desse género a que realizadores de categoria como Lubitsch não desdenham dedicar toda a sua actividade.



Sylvia Sydney

Ainda num género semelhante, Georges Milton provocou encontros com os seus últimos filmes, *O Rei da Graxa* e *O rei da Pândega*.

Vimos ainda ressuscitar um género que muitos, com fundadas razões, supunham para sempre desaparecido dos *écrans*. Referimo-nos ao romance de aventuras policiais, de cuja adaptação ao fonocinema Paul Fejos nos deu em *Fantomas* uma saborosa amostra.

Em filmes de aviação tivemos *De Corpo e Alma* e *Anjos do Inferno*. Esta última, pela lenda de grandiosidade à sua volta tecida, suscitara um acentuado movimento de curiosidade. Deu-nos em troca quasi uma decepção. O seu argumento melodramático serve, de facto, para exhibição de cenas aéreas impressionantes, mas realizadas com uma técnica deficiente.

Uma obra vigorosa e característica que não cabe em nenhuma das categorias que temos vindo estabelecendo é *O Presídio*, extraordinário documento sobre a vida dentro das penitenciárias norte-americanas.

No tocante a interpretação cabe o lugar de honra a Conrad Veidt que em *A última companhia* nos deu um dos maiores trabalhos da sua carreira. Norma Shearer em *A divorciada* é também outra grande interpretação que merece ser recordada.

Vilches, numa nova versão de *Mr. Wu*, Sylvia Sidney em *Ruas da Cidade* e Marlene Dietrich em *Marracos* e *Fatalidade* são, do mesmo modo, mercedores duma referência pela excelência das suas interpretações.

Para terminar, o cinema português fez-se representar por *Campinos do Ribatejo*, filme de valor desigual que é ainda um passo hesitante no caminho que a indústria nacional terá de percorrer.

Oxalá a proxima época nos traga neste género alguns progressos, que não são ainda de prever dada a pouca actividade que, por enquanto, se nota nos meios cinematográficos portugueses.

Em todo o caso, legítimo é esperar que a iniciativa da companhia Tobis-Klang Film produza os seus frutos no decurso da próxima época. Se assim fôr, é natural que essa actividade seja representada por versões dialogadas em português dos filmes de maior categoria franceses e alemães.

M. L. R.



George Raft

CINEMA

FILMES HISTÓRICOS

cterísticas psicológicas que, segundo a opinião de alguns historiadores, são na sua maioria fantasiosas.

De resto, esta incapacidade dos americanos em produzir filmes históricos explica-se também pelas dificuldades próprias do género. Poucas obras como um filme histórico exigem uma reunião tão complexa de elementos e levantam tão grande

número de problemas. Qualquer dessas evocações do passado impõe uma investigação científica que tem por missão esclarecer os mais variados pormenores da vida duma época, os seus trajes, arquitectura, decorações e usos.

Esta investigação não pode, por diversas circunstâncias, ser realizada, com êxito, na América do Norte. As grandes empresas julgaram ter resolvido a dificuldade criando secções especializadas, cuja função consiste em resolver os problemas de carácter histórico surgidos durante a realização. Mas a verdade é que esse trabalho de pesquisa não reveste uma forma científica, o que explica, até certo ponto, a insuficiência dos resultados.

As muitas dificuldades que a realização do filme histórico apresentava já, veio ainda o fonocinema acrescer outras que dizem respeito ao diálogo. Respeitar o diálogo arcaico, mantê-lo em toda a sua pureza através do desenrolar da acção, seria tornar a obra obscura, incompreensível quasi para o público. Por outro lado, um neologismo seria de péssimo efeito. A solução consiste, portanto, num justo equilíbrio em que a verdade seja sacrificada, na medida do indispensável, á perfeita compreensão da obra. Do mesmo modo se procede há muito em teatro. Mas a dificuldade parece ter provocado retraimento entre os realizadores e as grandes restituções históricas do fonocinema são por ora em pequeno número.

Um movimento, que parte de França, deixa

prever uma reacção neste sentido. Dois filmes de carácter histórico se encontram em realização nos estúdios parisienses. Um deles é uma nova versão de «Os três Mosqueteiros», o mais popular dos romances de Alexandre Dumas, que conta já três adaptações ao cinema silencioso. O outro é «Violetas Imperiais», animada evocação da corte de Napoleão III, em que Raquel Meller teve o principal papel quando da versão muda e que terá, desta vez, por protagonista a conhecida actriz Suzanne Bianchetti.

Do exposto se pode concluir que, sendo elevado o número de dificuldades que pesam sobre o filme histórico, a sua realização não é aconselhável á indústria cinematográfica nacional. Há, por certo, na nossa história, passagens de invulgar beleza, cheias de heroísmo e colorido, onde o cinema encontraria fácil pretexto para admiráveis imagens. Mas esses temas, eivados de tremendas dificuldades técnicas, só podem convir a uma indústria organizada que disponha de poderosos recursos. Não é isto, infelizmente, o que sucede em Portugal, onde as iniciativas, por modestas, se devem abster de tão largos vãos. Duas experiências, pelo menos, se tentaram já entre nós. Uma, «A Portuguesa de

Nápoles», foi inutilizada uma manifesta insuficiência de recursos. Outra, mais feliz, foi «A Severa». Mas apesar do seu êxito e dos cuidados havidos na realização alguns anacronismos houve ainda que lograram escapar. O que nos parece deve demonstrar a pouca oportunidade das tentativas do género.



*Chevallier, o eterno des-
preocupado*



Nancy Carroll, mocidade cheia de saúde e alegria

A história exerceu sempre importante papel inspirador entre os realizadores cinematográficos. Poucos são os artistas que não contam entre as suas produções uma obra de carácter histórico, e raras são as épocas da história que não foram ainda revividas no «écran» quasi sempre servindo de ambiente a uma acção mais ou menos romanceada.

A pátria do filme histórico pode ser considerada a França. Na época do seu apogeu também a Itália produziu grande numero de filmes históricos. A decadência da sua indústria trouxe, porém, o abandono deste género de produções, demasiado dispendiosas. A Alemanha, por seu lado, nunca explorou intensivamente esse género, preferindo-lhes o das lendas, mais conforme ao seu espirito de raça e ao seu estilo característico.

Por motivos fáceis de deduzir é também a história de França a que maior numero de filmes tem inspirado. Napoleão e a sua época agitada, o martirio de Joana d'Arc e o período heroico da Revolução, têm constituído fundo duma série de filmes de que difficil seria já hoje dar uma lista completa, tão numerosos são.

Igual sugestão a história exerceu entre os realizadores americanos. E o número das produções do género que nos têm vindo da outra banda do Atlântico é, por consequência, grande. Modificada, porém, pelo temperamento americano, a história reveste em muitas dessas obras singulares aspectos, umas vezes inexactos, outros mesmo ridículos. É que o americano comporta-se, em face da história, como uma criança perante um conto que ouviu e que reduz ás proporções das suas ideias, necessidades e preocupações. A verdade histórica toma, nas suas mãos, um carácter de convenção variável, que elle modifica ao sabor da sua concepção do espectáculo. E isso explica que na versão de «Os Três Mosqueteiros», por exemplo, Luis XIII seja um rei grosseiro, quasi irascível, o que aumenta a comicidade de algumas cenas, embora em prejuizo da verdade estabelecida.

Nestas circunstâncias e dum modo geral a produção americana de filmes históricos é de qualidade inferior. As inexactidões e a falta do ambiente são fáceis de verificar em quasi todas. Mesmo em «O Patriota», um dos melhores filmes históricos produzidos na América, há erros graves e a figura de Pedro I, o tzar louco, magistralmente interpretada por Jannings, tem cara-

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Os filhos de Charlot

ESTA história dos filhos de Charlot é entre as complicações sentimentais que as reportagens nos desvendam na vida íntima dos artistas, uma das que melhor falam à nossa sensibilidade.

Difícilmente a psicologia americana pode ser compreendida por nós. Nada percebemos desses divórcios amigáveis, tão avessos ao nosso temperamento de latinos românticos e egoístas. Mas este caso dos filhos de Charlot é profundamente humano, como tudo, afinal, que nos vem desse criador de geniais caricaturas.

Charlot, espírito *donjuanesco*, apaixonado perpetuamente insatisfeito, tem na sua vida algumas tentativas matrimoniais e outras tantas delusões. Dum desses casamentos nasceram dois filhos. Mais tarde, em consequência dum divórcio retumbante, o tribunal confiou a educação das duas crianças à mãe, a artista Lita Grey, e condenou Charlot ao pagamento duma elevada pensão proporcional à sua fortuna e destinada a custear essa educação.

Succede agora que a lamentável ideia de explorar o nome célebre dos filhos surgiu no espírito de Lita Grey. E daí o estabelecer contratos com grandes empresas para exibição das duas crianças numa série de filmes. Não lhe faltaram, como é fácil calcular, as propostas vantajosas dos que contam antecipadamente com o interesse do público em conhecer os descendentes do cômico mais célebre de todos os tempos.

Sabedor do facto, Charlot inter pôs-se pelas vias judiciais, alegando que é contrário à sua vontade que seus filhos ingressem numa carreira artística e que a pensão por ele paga é assás grande para dispensar este processo de obtenção de receitas.

E' que Charlot, que rese:va decerto o melhor lugar do seu coração trasbordante de generosidade e dedicação a essas duas crianças, quer poupá-las a essa vida dolorosa de artistas, cheia de insatisfações e torturas. Mais ainda: quer livrá-las desse baixo espírito de mercantilismo que orienta o procedimento da mãe. Quer-as jovens, espontâneas, naturais, sem as deformações que a vida artificial dos estúdios há-de imprimir-lhes, por certo, nessas idades. Quer-as em toda a frescura da sua infância, ainda não requeimada pela luz violenta dos *spotlights*.

Entende-se bem este desejo dum pai. — M. R.

* * *

Depois de longas hesitações, Mary Pickford decidiu-se, finalmente, a realizar «Secrets». Os trabalhos da filmagem vão começar dentro de breve tempo.

«Secrets» foi, nos tempos do cinema silencio-

so, o maior êxito de Norma Talmadge e uma das mais populares produções da sua época.

E' por intermédio dessa obra famosa que Mary pensa readquirir o favor do publico. Mas o seu triunfo afigura-se, dia a dia, menos provável. A sua persistência nada pôde contra o tempo que decorre inexorável e que consumiu já a sua mocidade.

* * *

A introdução da palavra no cinema privou-nos de alguns grandes artistas ou diminuiu, pelo menos, as oportunidades de os admirarmos.

Um deles e dos que, com justiça, mais recordado continua a ser pelos cinéfilos, é Emil Jan-



Challapine, o grande cantor russo, no papel de «Don Quijote» que está interpretando sob a direcção de Pabst

nings. Ninguém que ao cinema dedica alguma atenção, evoca sem saudades esse grande artista, cujas criações se contam entre as melhores que o cinema possui.

Interessa, decerto, ao público conhecer a actividade do grande interprete do «Variedades» e «O Patriota», se bem que a poderosa barreira das linguas torne pouco provavel a sua apresentação entre nós. Actualmente Jannings vai interpretar «Aventuras do Rei Pausole», filme extraído dum romance de Pierre Louys, o autor célebre da «Aphrodite».

«Aventuras do Rei Pausole» é uma das mais curiosas obras deste grande escritor que, nos seus livros, pretendeu fazer reviver o culto do paganismo em toda a sua pureza. E' a história dum reino fantástico cujo soberano — interpretado por Jannings — impõe a todas as mulheres a

obrigação de andarem nuas para que melhor se possa render homenagem à sua beleza.

* * *

O último acontecimento de sensação em Hollywood consiste nas amistosas relações de Charlie Chaplin com uma jovem loura cuja beleza desperta gerais admirações. O facto em si nada teria de notável se não se tratasse duma desconhecida, quasi estranha ao meio social e cinematográfico da célebre cidade dos filmes.

A indiscreção dos reporteres forneceu já os primeiros esclarecimentos sobre a beldade que o genial cômico distingue com as suas atenções

Chama-se Paulette Godard e estreia-se agora na carreira artística, interpretando um papel de pouca importância num filme de Eddie Cantor.

A sua opulencia tem causado sensação. Possui diversos automóveis e exhibe, em profusão, *toilettes* preciosas e peles caras. Há quem afirme que Charlot pensa fazer dela sua mulher e quem pretenda que será sua *partenaire* num próximo filme. No fim de contas pode muito bem ser que todos tenham razão.

* * *

Prevê-se para breve a voga de filmes versando biografias de contemporâneos célebres. Alem do filme que se prepara sobre a vida accidentada de Ivar Kreuger, a que nos referimos no último número, fala-se agora numa biografia filmada de Florenz Ziegfeld, o famoso empresário dos maiores teatros dos Estados Unidos, há pouco falecido, e noutra de Harry Reichembach, o mais célebre dos agentes de publicidade da América do Norte, que durante anos fez vibrar as multidões sob a sugestão da mais intensa propaganda.

* * *

Douglas Fairbanks vai realizar na China o seu próximo filme, em que tomará parte um elenco de artistas orientais.

A montagem do seu último trabalho encontra-se terminado. Terá o título de «Mr. Robinson Crusoe». Trata-se, como do nome se conclui, duma versão moderna e irónica das aventuras dum naufrago numa ilha deserta.

* * *

Mack Sennett, o mais genial inovador da primeira idade do cinema americano, vai regressar à actividade cinematográfica depois de alguns anos de afastamento.

O homem que soube descobrir a fotogenia dos fatos de banho, e que através deles revelou ao mundo essa extraordinária artista que é Gloria Swanson, reserva-nos talvez ainda nos domínios da comédia algumas surpresas sensacionais.

Actualmente ocupa-se na realização duma curta pelucula, do género das que impuseram o seu grande talento, e que terá o título de «Hyponitized».

deSPORTS

OS FACTOS DA QUINZENA

JULGO não exagerar afirmando que o acontecimento mais notável da vida nacional durante esta primeira quinzena de Setembro foi uma manifestação desportiva. Refiro-me assim á Volta a Portugal em bicicleta que suscitou em todo o país o maior interesse e um invulgar entusiasmo.

A luta ardente e indecisa travada entre as duas estrelas do ciclismo nacional, Alfredo Trindade e José Maria Nicolau, levou ao rubro a paixão do público, exacerbou clubismos e sentimentos, provocando manifestações colectivas e actos pessoais que quasi se incluem no campo da loucura transitória.

Provou-se uma vez mais que a educação desportiva portuguesa está por fazer e que a mentalidade das massas e, infelizmente, de muitos que se arvoram em mentores da opinião ou dirigentes associativos, não suporta impunemente o choque tremendo de um semelhante turbilhão de paixões.

Por isso a asneira teve livre trânsito, o boato e a calunia fervilharam, postos em circulação pelos invejosos e despeitados, aos quais arrelhou o êxito de uma iniciativa alheia, ou pelos sectaristas cegos que tudo inventam para justificar a queda dos ídolos, inclusivamente atribuições que lhes enlameiam a própria dignidade.

Felizmente uma vez mais a caravana ha-de passar, estes clamores estultos abafar-se-ão quando divulgados os verdadeiros intuitos dos seus autores, e da prova ficará a reminiscência sublimada de uma incomparável obra de propaganda e de uma lealíssima competição desportiva.

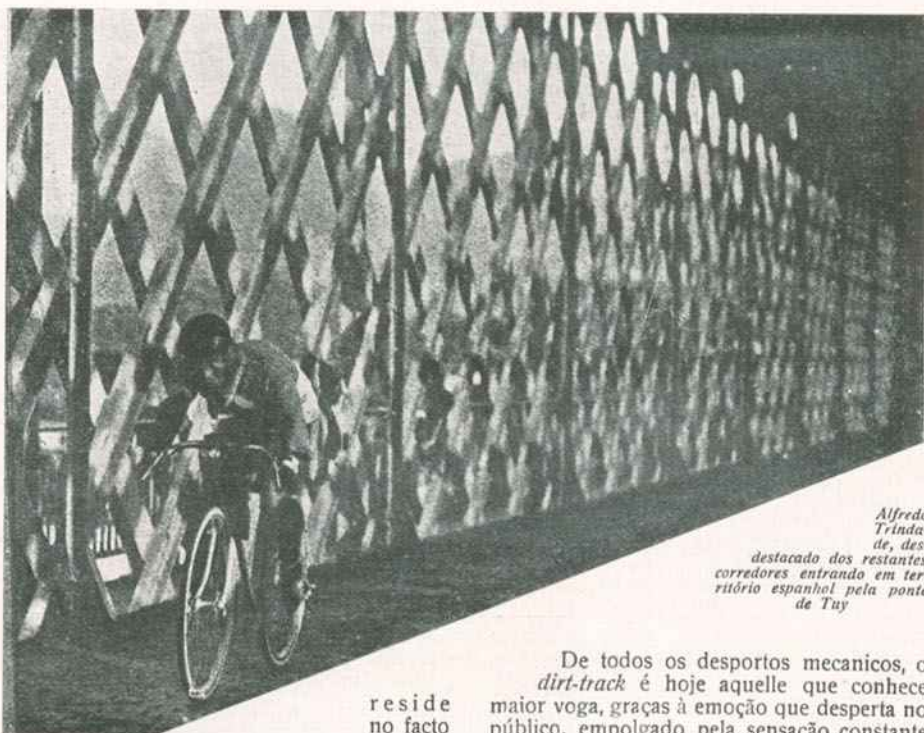
O duelo Trindade-Nicolau, característica dominante do drama, e que a esporádica intrusão de outros personagens de vulto nunca conseguiu relegar do primeiro plano, foi, desportivamente, uma das mais belas páginas que me tem sido dado registar no campo ecletico da actividade nacional.

O problema da sua superioridade relativa fica por resolver; Trindade venceu com inteira justiça mas Nicolau poderia ter triunfado merecendo-o sem restrições. Considerados isoladamente, em merito absoluto, a classe de Nicolau é superior á de Trindade, e em dez competições semelhantes vencerá nove para perder uma. Mas desta vez, tal como decorreu a prova, entrando em linha de conta com os incidentes naturais da estrada que sempre criam entre os competidores uma desigualdade de sorte, e com a fôrma como cada uma dos adversários soube aproveitá-los, Trindade foi o melhor e entrou no Estádio de Lisboa envergando a camisola amarela que conquistára com seus musculos nas asperas faldas da serra da Estrela, e defendeu até final com a coragem e a vontade de um grande campeão.

Realizaram-se pela primeira vez em Portugal corridas de motocicletas em pista de terra, sem relevés nas viragens, desporto novo e que a Europa conhece ha uns escassos três anos, sob o nome, consagrado internacional, de *dirt-track*.

O espectáculo agradou, como era presumível, tendo o público apreciado o interesse emotivo destas provas em cujas constantes peripécias são postas á prova, a audácia, a perícia, a decisão dos corredores em pista.

A grande dificuldade destas competições



Alfredo Trindade, destacado dos restantes corredores entrando em território espanhol pela ponte de Tuy

reside no facto de ser necessário percorrer as curvas resistindo á acção expulstante da força centrífuga, em terreno plano e em máquinas potentes mas desprovidas de travões. Os motociclistas, para o conseguirem, empregam a derrapagem da roda trazeira e servem-se do pé interior como freio adjuvante; isto provoca situações de equilibrio precário, que freqüentemente terminam em quedas, regra geral de pouca gravidade.

De todos os desportos mecanicos, o *dirt-track* é hoje aquelle que conhece maior voga, graças á emoção que desperta no público, empolgado pela sensação constante de perigo, e apreciando as qualidades de coragem, virtuosidade, resistência e sangue-frio, dos homens que o praticam.

Os campeonatos do mundo de ciclismo disputaram-se este ano em Roma e, se não deram lugar a incidentes inesperados, como os anteriores de Copenhague, tiveram a caracterizá-los algumas surpresas e, sobretudo, incríveis manifestações de entusiasmo popular pelas vitórias dos representantes italianos nas provas em estrada.

A vitória de Binda no campeonato profissional, motivou actos de verdadeiro delirio, sendo impossível conter em ordem o público numerosissimo, que invadiu a estrada, tirando o homem de sôbre a máquina ainda antes da meta, levando-o em triunfo, arrancando-lhe a camisola que foi devida em farrapos pelos amadores de reliquias.

O francez Michard, que em 1931 fôra declarado vencido pelo juiz de chegada na prova de velocidade em pista, contra toda a evidência, e que os seus compatriotas esperavam ver novamente elevado ao pedestal de campeão, foi batido pelo belga Scherens, mais novo e mais rapido do que êle.

Assim vae transitando com o tempo a gloria desportiva, mal de que também se pode queixar o tenista Cochet, rei na sua especialidade há uns bons cinco anos, e que agora se vê destronado pelo americano Vines.

No torneio da Taça Davis, este conseguira batê lo em cinco partidas difíceis, prestando-se ainda a dívidas sôbre unia diferença sensível de valor entre os dois azes.

Mas Cochet, com uma isenção desportiva admirável num homem da sua categoria, foi aos Estados Unidos disputar o campeonato nacional; alcançou ser finalista, oposto a Vines, que num triplo 6-4 lhe liquidou as ambições.

Assim, na mesma semana, dois elementos de uma nova geração impõem aos senhores do momento, os direitos imperiosos da mocidade, antepoando-se-lhes até ao dia em que outros, mais novos, os releguem ao mesmo triste destino, neste eterno rolamento que é a vida do mundo.

A esmagadora superioridade dos nadadores japonezes nas provas olímpicas de Los Ange-



O treinador do Atlético de Bilbao, Mr. Peutland e Lofuente, capitão do grupo

les, merece que a ela nos voltemos a referir, apesar de ser um facto já antigo na vertiginosa evolução dos acontecimentos desportivos, procurando a que deveremos atribuí-la.

Segundo a opinião dos técnicos presentes os japonezes nada inventaram de novo, aplicando estritamente as formulas já conhecidas, em especial o método americano do crawl. Por meio de uma vulgarização metódica e racional na mocidade escolar, conseguiram impôr em todos os centros de pratica um estilo uniforme, que constitui a base do seu êxito. Ao contrário do que passa no mundo inteiro, onde a educação da natação desportiva é feita unicamente nos clubs, sob fórmulas e métodos diferindo conforme os treinadores, no Japão este encargo foi assumido pelos professores das universidades, chefiados pelo lente de química Matsuzawa que se apaixonou por esta missão e impôs uma doutrina geral.

Todo o esforço realizado no Japão em pról da natação desportiva se limita, quasi exclusivamente, ás escolas e universidades. Não existem clubs da especialidade e as únicas competições nacionais são de característica escolar.



O francês Bellissent, o melhor corredor em dirt-track na pista do Estádio



No campeonato do mundo de meio-fundo, em Roma, o francês Paillard, vencedor, passa um adversário

E' ainda curioso registar que os nadadores japonezes, porque muito raros são as piscinas de que dispõem, não treinam durante o inverno, praticando durante estes mezes uma educação física severa, que nunca abandonam

por completo. As horas de recreio, nas escolas, passam-se nas piscinas e as sessões de treino demoram por vezes três horas de um trabalho arduo. Só assim se justifica que um rapaz de 16 anos, Mihazaki, seja campeão olim-

pico dos 100 m. e dois garotos de 14 e 15 anos, Kitamura e Makino, dominem todos os competidores na mais dura prova do torneio, os 1.500 metros.

Aos japonezes se deve também a inovação, durante estes Jogos, das inalações de oxigénio antes da corrida, e que parecem produzir os melhores resultados, assegurando um aumento de capacidade pulmonar e consequentemente uma melhor flutuação do corpo.

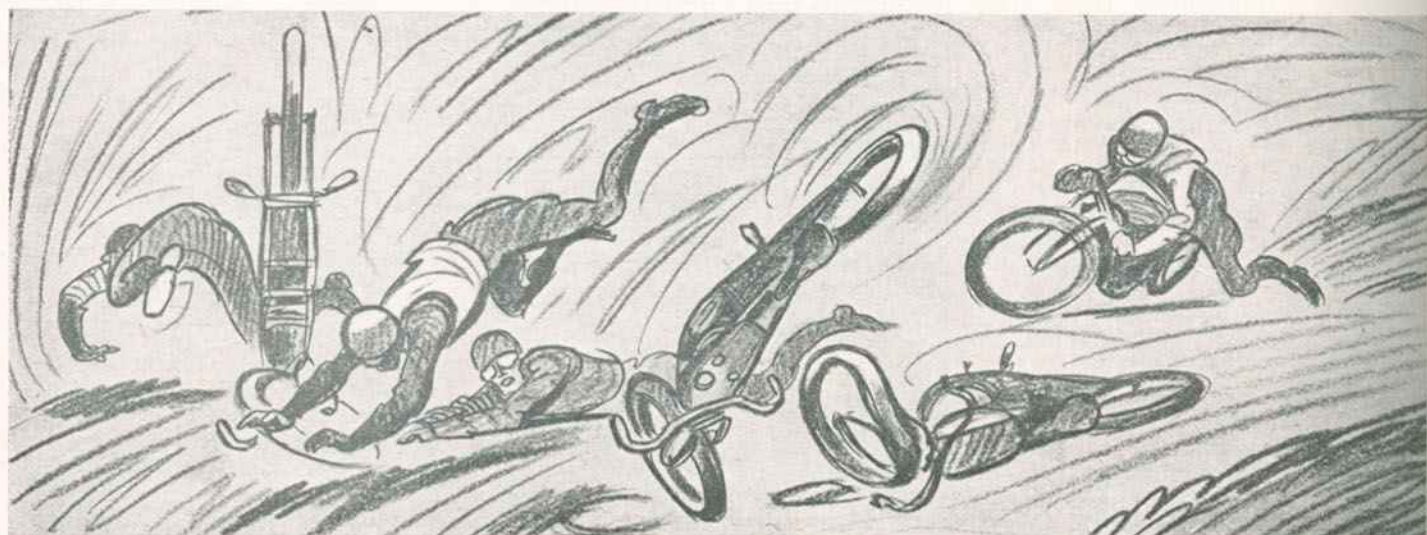
O foot-ball despertou do seu sono estival e começa prendendo as atenções.

O Benfica, cioso do seu prestígio, foi a colectividade portuguesa que primeiro entrou em actividade, ensaiando-se de início num fácil encontro em Lamego e trazendo depois a Lisboa a equipe do Atlético de Bilbao.

A fama dos visitantes, que constituem inegavelmente a primeira formação da vizinha República, não conseguiu captar a simpatia popular e os dois encontros disputados foram um meio fracasso de assistência.

Os resultados verificados, se consideramos sobretudo que correspondem a um começo de trabalho, foram de molde a satisfazer os criticos, deixando-nos prever que no ano próximo o foot-ball português afirme sensíveis progressos, refazendo-se do mal que lhe trouxe a borrasca que assolou os seus dirigentes.

Salazar Carreira.



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

DIZIA um pai ao filho: Sim meu filho, tu não és mau, mas os malandros como tu é que te perdem...

HA almas ruins. E eu penso que o trabalho e o dinheiro que custaria a sua reparação quasi total daria para comprar almas novas, isentas de ruindade. É por isso que ha almas tão ruins que nem para sucata servem.

ENCONTRO num livro médico de Maurice de Fleury que muitas vezes na guerra se distribuia maior ração de aguardente aos homens para os ajudar a suportar o verdadeiramente insuportavel. Suportar o insuportavel é o que faz a maioria da gente todos os dias. E ninguém lhe paga a aguardente que bebe.

QUE tremendo pavor avassalaria o mundo se a morte um dia se suicidasse.

HA almas enfermas como ha corpos enfermos. E se para estes ha médicos a cada esquina de rua, para aquelas quanto difficil não é encontrar outra alma que com carinho e ternura lhe diga palavras de consolo e de cura.

O preto diz: «muntu caijipe chio uecuzza cunhima», ninguém conhece o futuro ou seja o que o branco quer dizer com «o dia de amanhã nunca ninguém o viu.» Dizia-me a proposito um eterno encalacrado: — «É treta menino: Eu nem preciso de o ver para saber que a respeito de cobres ele será exactamente igual ao dia de hoje, ao de ontem e a todos os passados. E não ha olhos que divisem notas ou moedas de qualquer nacionalidade navegando em direcção ás minhas algibeiras.»

O Amigo Banana em *Gil Vicente*:

«A morte de cada hum
He aquella que se fina.»

CAMÕES explicado por um ilustre professor:

«Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio muito o experta e incita.»

Isto era o Camões que queria apanhar a Grã Cruz da Ordem do Império Colonial. Escreveu aquilo nos *Lusiadas* a fazer-se lembrado. Não lha deram e puzeram-na a tiracolo num outro tipo qual-

quer. É por isso que mais adiante se lê o seu despeito:

*Melhor é merecel-as sem as ter,
Que possuil-as sem as merecer.*

O que é não só bem dito mas muito exacto. Foi uma grande pouca vergonha.

«A deligência é mãe da bôa ventura.»
É, às vezes. Que eu já tenho visto credores apostados em cobrar o seu dinheiro e virem de lá com uma tarefa que zomba do que diz o ditado.

MARTIM Afonso de Miranda escreveu por 1600 e tal: "... exemplo raro para o tempo de agora, onde só ter, dar,



importunar & mentir, grangea, adquire, alcança & pôde.» Parece que ainda estamos em mil seiscientos e tal.

«PARA el mal de amor
Es medico excellente la paciencia
El tempo insigne, y sin equal la ausencia.»

Era um grande poeta este Campoamor.

MARIA Bashkirtseff escreveu que a vida se compõe de pequenas cousas e logo que todas essas pequenas cousas correm mal isso é bem peor do que uma infelicidade grande. É verdade. É que a poeira da desgraça é que envelhece e surra as almas. O tufão, quando as não mata ennobrece-as.

Foi Montesquieu quem afirmou que uma injustiça feita a um só é uma ameaça feita a todos. É. Mas o que succede é que todos se remetem ao comodismo quando a injustiça é feita a um só.

Nos liceus, em virtude da marcha para o estado de guerra que em todo o mundo se está fazendo, devia criar-se uma

cadeira que se chamasse a *Adaptação à guerra* considerada a guerra como um estado de vida, duradouro e positivo. E aí se diria que na guerra futura não há neutros ou imunes. Homens e mulheres não serão mais civis. Serão todos militares, combatentes todos. Uns na trincheira, outros aguentando a trincheira e ver-se-á como todas as artes e todas as industrias são subsidiárias da guerra. E se o guerreiro se fez para combater provar-se-á que a mulher não é já para o prazer do guerreiro mas para o auxiliar no combate. E a nova geração que surda terá como lema o velho "ôlho por ôlho, dente por dente".

A família de Joaquim Costa debate-se na maior miséria. Coisa idêntica, idêntica situação à em que se debateram os descendentes de Camilo, a filha de Innocencio, a espôsa de Augusto Gil, a irmã do maestro Casimiro. Em França há uma repartição que cura destas coisas mínimas que redundam em descrédito do Estado. Entre nós isso não vale nada e o Estado não tem culpa de que os seus servidores, o não saibam servir.

PÍO Baroja, o Fialho de Almeida espanhol, escreveu em *La Busca*: "se tiene un caudal de voluntad en billetes, en onzas, en grandes unidades, y se necesita la energia en céntimos, en perros chicos. Lo mismo sucede con la inteligencia; por eso fracasan, muihos ambiciosos, inteligentes y enérgicos. Les falta las fracciones, les falta también, en general, el talento para disimular sus fuerzas."

Isto dá-se inumeras vezes na vida, mas só o talento de um grande escritor é capaz de o registar.

RICARDO Jorge continua no estrangeiro a honrar o seu nome e a engrandecer o de Portugal e dá-se o facto curioso de este homem não poder ensinar entre nós e ter no estrangeiro a cotação de um mestre sempre ouvido e consultado com proveito. Cousas que acontecem entre a nossa gente que é ingrata e má por excelencia. A José Joaquim Nunes assassinaram-no com a lei do limite da idade. E os que não morrem é porque votam ao desprezo os assassinos... legais.

DEUS disse quem ganhasse que se risse e quem perdesse entristecesse. É verdade. Mas quem perde acha que aquilo é uma grande pouca vergonha porque o riso, como o sol, devia ser igual para todos.

Albino Forjaz de Sampaio

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na Basílica do Senhor Jesus dos Milagres, em Leiria, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Julia Nogueira Jordão Teles de Sampaio Rio, gentil filha da sr.^a D. Julia Nogueira Jordão Teles de Sampaio Rio e do coronel sr. João Teles de Sampaio Rio, com o distinto alferes de artilharia, em serviço na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, sr. Victor Maria Santos de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, filho da sr.^a D. Ezilda Fernanda Santos de Moura Coutinho de Almeida d'Eça e do sr. Eugénio Augusto de Moura Coutinho de Almeida d'Eça, tesoureiro da Fazenda Publica em Lisboa, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo depois os noivos para a sua casa em Vendas Novas, onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Bernardette Gonçalves da Fonseca, interessante filha da sr.^a D. Elisa Laura da Fonseca, já falecida, e do sr. José Agostinho da Fonseca, com o sr. dr. Leonel Ribeiro, filho da sr. D. Maria da Nazareth Quintas Ribeiro e do sr. Joaquim Ribeiro.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Julia da Fonseca e D. Maria da Conceição Pereira Ribeiro e padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Tomaz Gabriel Ribeiro.

Celebrou o acto religioso o reverendo Conego Dr. Pereira dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos noivos um finíssimo lanche da «Versailles», partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande numero de artisticas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Monteiro de Barros, gentil filha da sr.^a D. Gertrudes Elizabeth Martin Monteiro de Barros e do sr. João de Azevedo Monteiro de Barros, com o sr. Antonio Sebastião Ribeiro Spinola, filho da sr.^a D. Palmira Machado Spinola e do sr. Antonio Spinola, tendo servido de padrinhos os paes dos noivos.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residência dos paes da noiva, um finíssimo lanche da «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

— Nas Lapas, perto de Torres Novas, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Antunes Trincão, com seu primo o sr. Joremim Vieira Trincão, servindo de madrinha a sr.^a D. Maria da Conceição Antunes Trincão, avó paterna da noiva e de padrinhos os srs. Joaquim Antunes Trincão, avó paterno da noiva, Dr. Mario Trincão, ilustre professor da faculdade de medicina da Universidade de

Coimbra e Dr. Vicente Vinagre, distinto clinico em Torres Novas.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Deolinda Rodrigues Cotta, interessante filha da sr.^a D. Maria da Piedade Cotta e do sr. Alfredo Rodrigues Cotta, já falecido, com o sr. Joaquim Augusto Dinne da Silva, filho da sr.^a D. Maria das Dores Dinne da Silva, e do sr. Joaquim Augusto da Silva, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Alice da Costa Marques, e D. Cacilda Dinne da Silva Meneses, irmã do noivo e de padrinhos os srs. Manuel Rodrigues Cotta, irmão da noiva e o Major Eduardo Guedes de Carvalho Meneses, cunhado do noivo.

Finda a cerimonia religiosa, os noivos seguiram para o Alentejo, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial de Bemfica, o casamento da sr.^a D. Celeste Neves Carneiro, gentil filha da sr.^a D. Emilia de Almeida Cruz das Neves Carneiro, e do sr. António das Neves Carneiro, com o sr. Caetano Tórrres Branco, filho da sr.^a D. Adelina Costa e do sr. Caetano José da Costa, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para Queluz, onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

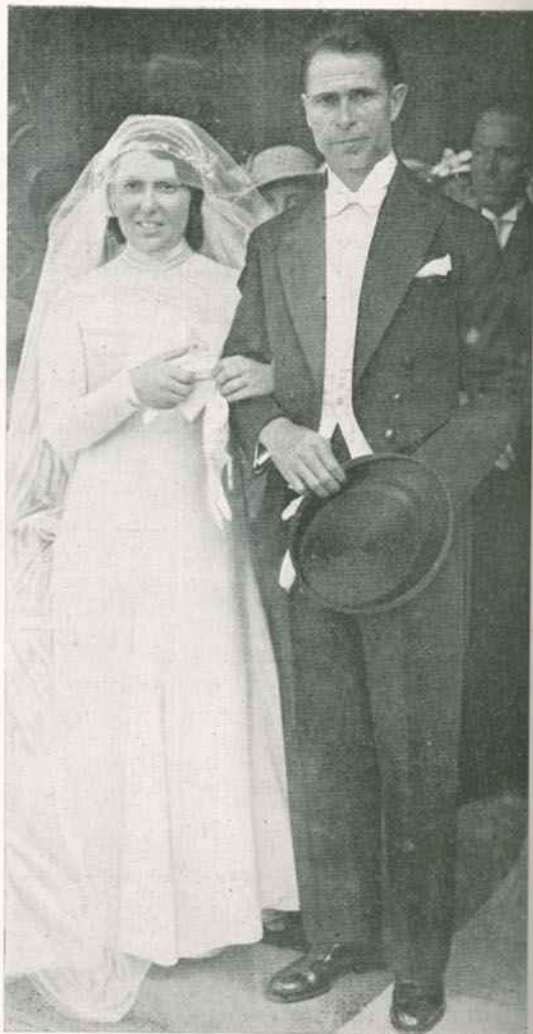
Novos titulares

O Senhor Dom Manuel de Bragança, antes do seu falecimento auctorisou o sr. D. Luiz Henriques de Lancastre (Alcaçovas), filho dos srs. Condes das Alcaçovas, a uzar o título de Conde das Alcaçovas, como já em vida de seu bisavô o uzara seu falecido avô, o sr. Conde das Alcaçovas (D. Luiz), antigo mestre de sala da Côrte.

— Antes do seu falecimento o Senhor Dom Manuel de Bragança, autorisou a sr.^a D. Maria Antónia de Almeida e Noronha de Azevedo Coutinho, irmã do actual Marquês de Anjeja sr. D. António de Almeida e Noronha, e seu marido o sr. Francisco Eduardo de Azevedo Coutinho, a uzarem o título de Condes de Peniche, um dos títulos da Casa Anjeja.



Os noivos — sr.^a D. Maria Julia Nogueira Jordão Teles de Sampaio Rio e o sr. Victor Maria Santos de Moura Coutinho de Almeida de Eça — após o seu casamento, realizado em Leiria



A sr.^a D. Maria de Lourdes Bernardette Gonçalves Fonseca e o sr. dr. Leonel Ribeiro, saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira no dia do seu casamento

No Tamariz

As manhãs elegantes da esplanada Tamariz, no Estoril, continuam marcando, como ponto de reunião da nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoril, como de Sintra e Lisboa, sobretudo aos domingos depois da missa, onde tomam o costumado aperitivo para o almoço.

Também de tarde a esplanada à hora do «Chá dançante» que é abrilhantado por um quarteto jazz-band, está sendo elegantemente concorrida.

Ceia à americana

Decorreu com extraordinária animação a ceia à americana, de caridade, que na noite de quarta-feira 28 do passado mez, se realizou no Grande Hotel Costa, em Sintra, gentilmente cedido pelo actual gerente, sr. Ricardo Allen, e levada a efeito por uma comissão de gentis senhoras solteiras de que faziam parte D. Ida Burnay Pais de Andrade, D. Irene de Faro e Oliveira, D. Izolda Decken dos Santos Lino, D. Laura de Abreu Reis Machado Ferreira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Emilia Machado Mendes de Almeida, D. Maria José Wazza de Andrade Antunes dos Santos, D. Maria Luiza de Melo Castro Trigoso, D. Maria Teresa Ulrich e D. Vera Seixas, cujo produto reverteu a favor de varias obras de beneficencia da vila de Sintra, tendo-se ali reunido as principais familias da nossa sociedade elegante, tanto de Sintra como Cascais, Estoril, Praia das Maças, Colares, Ericeira e arredores.

D. Nuno.

CONCURSO FOTOGRÁFICO
ENTRE AMADORES
ORGANIZADO PELA
ILUSTRAÇÃO



419 — PORTO-RIBEIRA — (Foto do sr. António Albuquerque — Porto)



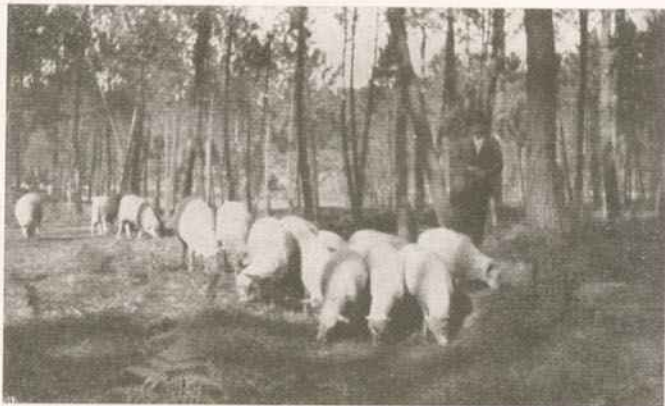
423 — REPOUSO BEM MERECIDO (COSTA DE CAPARICA) — (Foto do sr. José Tomás da Silva — Lisboa)



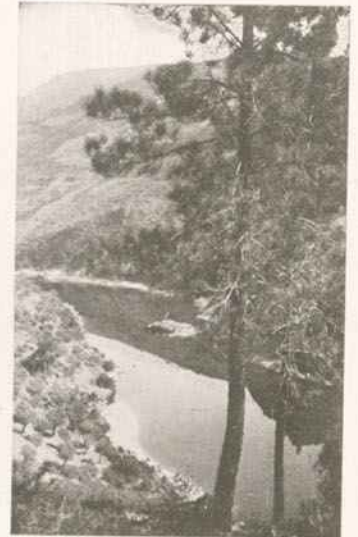
426 — CLAUSTRO — PORTO — (Foto do sr. António Albuquerque — Porto)



420 — CASTELO DA GUARDA — (Foto do sr. Carlos Teixeira de Sá — Guarda)



424 — OVELHAS — (Foto do sr. Alvaro Duarte F. Brito — Leiria)



427 — MARGENS DO ZEZURE — (Foto do sr. Georgino da Nova — Lisboa)



421 — ALCÁCER DO SAL — (Foto do sr. Jorge Casalini — Aguas Santas — Ermeçidã)



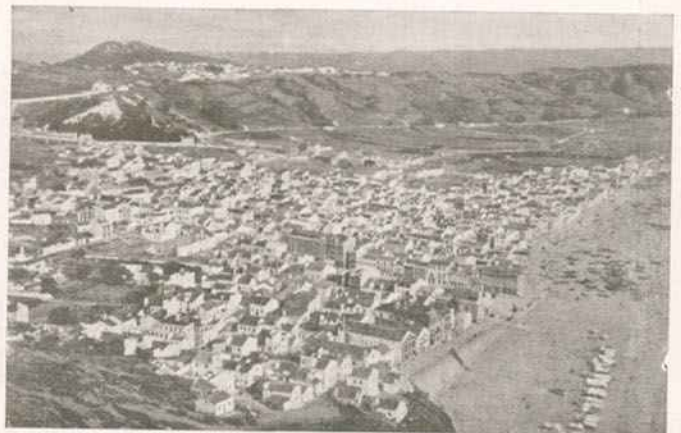
425 — DE REGRESSO AO REIMI — (Foto do sr. Georgino da Nova — Lisboa)



428 — LOBITO — AROUCER — (Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lobito)



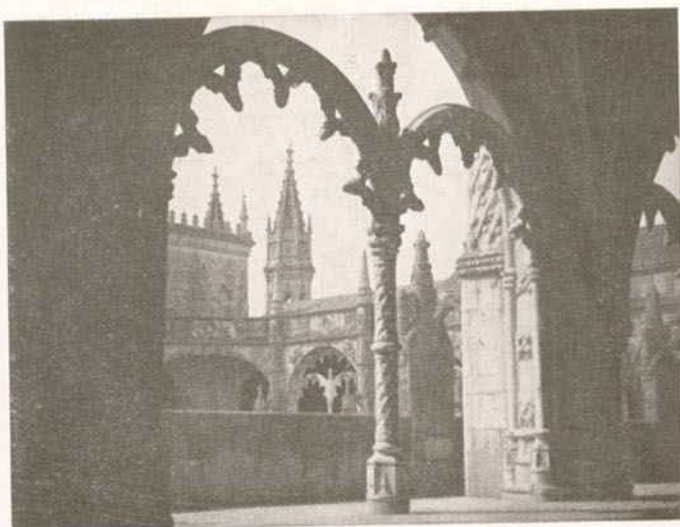
422 — PAISAGEM TRISTE — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



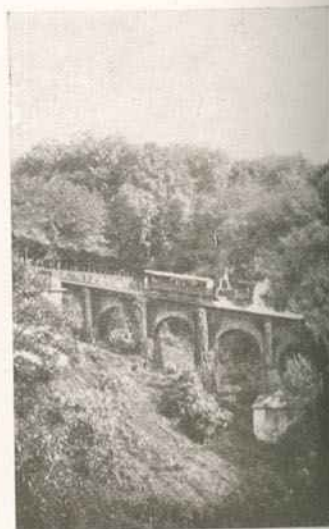
429 — NAZARÉ — (Foto do sr. M. O. N — Lisboa)



430 — CONVENTO DE CRISTO — (Foto do sr. Georgino da Nora — Lisboa)



434 — CLAUSTROS DOS JERONIMOS — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



438 — COMUGO DO MONTE — (Foto do sr. Roque Fernandes — Funchal)



431 — PORTUGAL EM PARIS — (Foto do sr. Domingos Machado Pereira — Lisboa)



435 — BARCOS — (Foto da sr. D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



436 — LAVADEIRAS — (Foto do sr. José Henriques Pinto — Porto)



439 — MARRUCOS (CASABLANCA) — (Foto do sr. J. P. Mendonça — Faro)



432 — MAGUSTO — (Foto do sr. Henrique M. Miranda Botelho — Vila Pouca de Aguiar)



440 — PASTOR E OVELHAS — (Foto do sr. Henrique M. Miranda de Botelho — Vila Pouca de Aguiar)



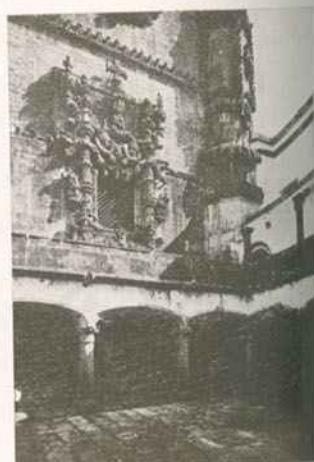
433 — SANTA MARGHERITA LIGURIA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



437 — RIO ALMONDA — (Foto do sr. Raul Lemos — Abrantes)



441 — ARVOREDO — (Foto do sr. Jaime S. Brandão — Lisboa)



442 — CONVENTO DE CRISTO — (Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisboa)



443 — SAINDO DO BANHO — (Foto do sr. Antonio da Silva Salavisa — Castelo Branco)



447 — O JANTAR NA ALDEIA — (Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)



453 — UM CAVALO DURO DE PATAS — (Foto do sr. Antonio Dias — Covilhã)



454 — COMO DEUS O FEZ... — (Foto do sr. Eduardo Ferreira Duque — Vila Nova de Gaia)



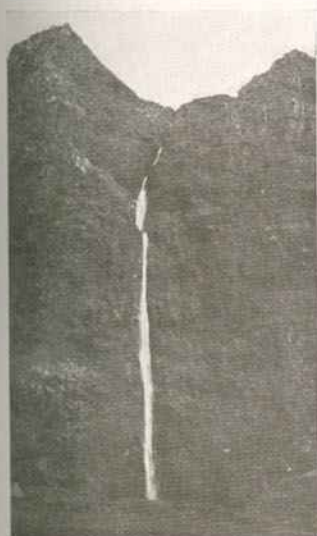
444 — BELAS-BONJARDIM — (Foto do sr. A. Araújo Sousa — Lisboa)



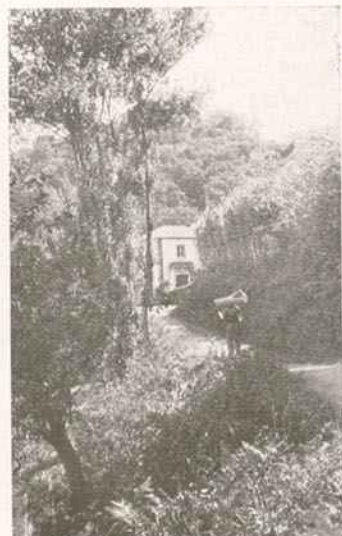
448 — LAVADEIRAS NA CIDADE — (Foto do sr. José Manuel Rodrigues — Lisboa)



455 — PASSATEMPO DE PRAIA... — (Foto do sr. C. Almeida — Vila Real)



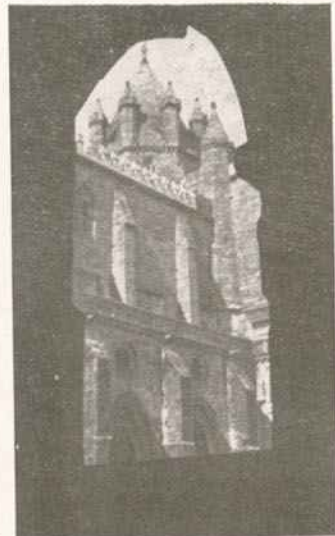
445 — QUEDA DE AGUA — (Foto do sr. João Gonçalves de Sousa — Funchal)



449 — COLARES — (Foto do sr. A. Araújo Sousa — Lisboa)



451 — A BARRIGA DO MESTRE PRIMO — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



456 — CLAUSTRO DA SÉ DE EVORA — (Foto do sr. Fernando Batalha — Lisboa)



446 — DIA TRISTE — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



450 — ENCHENDO A BILHA — (Foto do sr. Ornelas Monteiro — Viana do Castelo)



452 — NA CEIFA DO TRIGO — (Foto do sr. Henrique João da Cruz — Olhão)



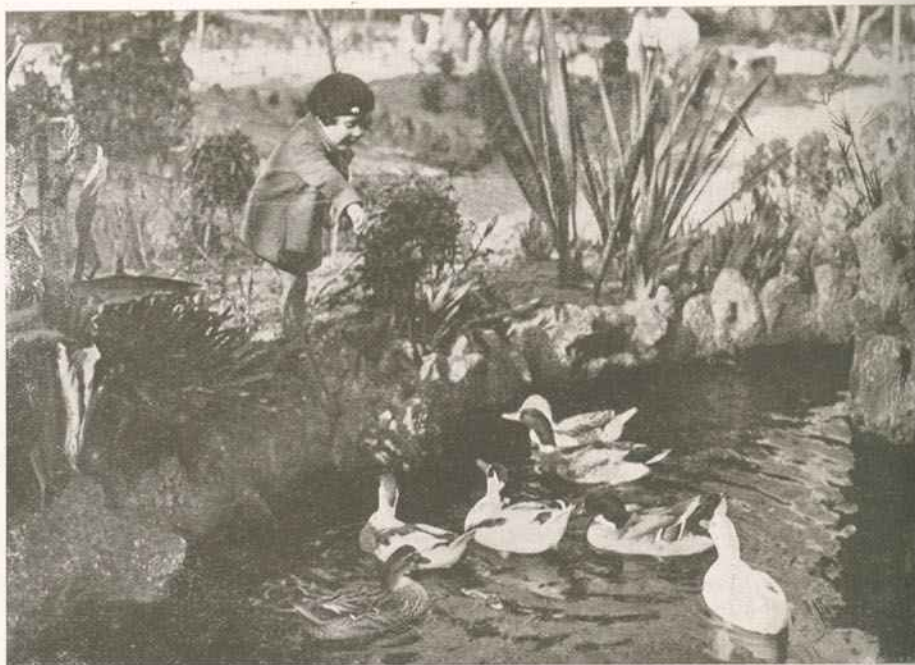
457 — PASTANDO — FARO — (Foto do sr. J. P. Mendonça — Faro)



458 - NABARÉ - (Foto do sr. Urbano de Oliveira - Lisboa)



459 - RIBEIRO MANSO E TRANSPARENTE - (Foto do sr. Manuel Abreu - Coimbra)



465 - «PARA O QUE FOH MAIS ESPERTO» - (Foto do sr. Rafael S. M. Bastos - Porto)



460 - CONTURANDO... - (Foto do sr. Raul Lemos - Abrantes)



461 - JANELA DE ROUXINÓIS - (Foto do sr. A. B. P. - Pombal)

AOS CONCORRENTES:

Como dissémos, terminou em 31 de maio último, o prazo para a entrega de provas fotográficas para o Concurso, que a Ilustração organizou. Temos ainda em nosso poder cerca de 700 fotografias, que serão publicadas até dezembro, depois de seleccionadas.

O sorteio para os prémios - que são numerosos - far-se-ha, conforme se anunciou, pela LOTARIA DO NATAL. Entre êles destaca-se um esplêndido CINE-KODAK oferta da acreditada Casa Kodak que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prémio, chamado Prémio da Sorte, para a fotografia, cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.



468 - RIO QUANZA - (Foto do sr. A. Cândido do Vale - Loanda)



463 - NEVE NA SERRA - (Foto do sr. Julio Marques de Almeida - Covilhã)



466 - HARMONIA - (Foto do sr. Fernando Batalha - Lisboa)



469 - NO RIO VOUGA - (Foto do sr. Edgar dos Santos - S. Pedro do Sul)



462 - ABREIAS DE VILAR - (Foto do sr. Adelino Xavier Esteves - Porto)



464 - TOURADA À VACA LARGA - (Foto do sr. Adelino Barata - Idanha-a-Nova)



467 - VELEIROS EM REPOUSO - (Foto do sr. Reis Gonçalves - Lisboa)



470 - DOIS AMIGUINHOS - (Foto do sr. Juvario Nunes - Lisboa)

...Vida Feminina

VIAJAR é sempre um prazer para aqueles, que sabem admirar e compreender a natureza, a arte e o progresso. Mas se é uma grande distração viajar na terra alheia, descobrir as belezas dos outros países, essa satisfação linje-se de uma grande ternura, quando o fazemos na nossa terra a que tantas e tão profundos elos nos ligam, mesmo aos que cosmopolitas e consideram, e que ao ver as maravilhas do seu país sentem um como que orgulho do seu encanto e da sua riqueza. Foi o que agora me sucedeu no passeio através do país acompanhando o Congresso da «Fidac» que fez conhecer aos estrangeiros, aliados na guerra, e amigos na paz, todo o encanto, toda a beleza do nosso admirável país, tão cheio de inúmeras belezas, de uma paisagem serena e dóce aqui, e grandiosa e severa além. Dos ridentes campos de Leiria, às montanhas de Penacova e à paisagem grandiosa e bela do ledo Minho, que a gentileza de amigos me proporcionou ver, a paisagem sucede em beleza diferente, e, cada vez maior. Mas não é só paisagem o que encontramos, são obras de Arte, monumentos como a Batalha, único em todo o mundo, o lindo castelo de Leiria e as belezas arquitetônicas de Coimbra, do Porto, de Braga, de Leça do Bailio, de Viana do Castelo, de Barcelos, de Guimarães. Por toda a parte ruínas grandiosas, igrejas bem conservadas, obras de arte, que cada uma de per si, precisava de uma referência tão especial,



que não cabe numa pequena crônica. Por toda a parte se nota, para quem como eu há muito não viajava no

país, o progresso que tem feito e não é essa uma das menores e menos agradáveis supresas. Por toda a parte estradas esplêndidas e hotéis, que se não são «palaces», o que no nosso país não fazia sentido e seria até ridículo, são muito limpos e com o necessário conforto moderno, encontrando-se como em Santo Tirso, o hotel Cidnaya, que em qualquer parte é um hotel moderno e confortável. Esse progresso que nos deixou a melhor impressão, tem o seu lado mau e não posso deixar de lavar aqui um protesto contra o que em Coimbra se fez, no Penedo da Saudade. Há doze anos, já um bairro moderno, começavam a invadir esse lugar de serena poesia e de uma paisagem, soberba e melancólica, mas compreendia-se que a cidade se estendesse, o que se não pode admitir, e, que se ridicularise um lugar tão tradicionalmente conhecido na poesia portuguesa tornando-o o mais banal jardim de brasileiro, sem cultura artística. O penedo de cimento armado, que ao centro se ergue é revoltante e chega a dar uma vontade impetuosa de o destruir a dinamite. Se o queriam modernizar, bastava um muro em cal e granito, tão simpaticamente português. Uns canteiros com flores, mas nunca aquele atentado contra a arte e a beleza, que estraga a maravilhosa paisagem de Coimbra, que encanta os estrangeiros, e nos dá bem a emoção de toda a nossa história, literatura e poesia. O Porto é uma cidade, que muito tem progredido e que apresenta obras de um moderníssimo bom gosto, como a Avenida do Brasil, que rivalisa com San Sebastian e com a promenade Des Anglais, em Nice. Apenas é para lamentar, que uma cidade, que possui tão belas e tantas obras de arte dispersas, não tenha um museu digno desse nome, e apenas possua um verdadeiro «podridero» indigno da moderna e bela cidade, que é hoje o Porto, tendo sabido conservar os seus maravilhosos e deslumbrantes aspectos de cidade antiga que a sua esplêndida situação tanto e tanto valorisa. Espera-



mos que dentro em pouco esse mal esteja remediado e o Porto possua o museu que deve ter.

É de aconselhar aos portugueses que tanto gostam de viajar, que não deixem de visitar o seu país, que é um dos mais belos da Europa, como paisagem e que é verdadeiramente rico em obras de Arte e maravilhas arquetônicas, que nos falam à alma e ao coração, como o castelo de Guimarães, porque nelas nasceu o nosso país, se fez a nossa história e é uma parte integrante de nós mesmos.

Maria de Eça.

Modas

APESAR de estarmos quasi no outono, essa época é tão suave no nosso clima, que para os chás nos Casinos e mesmo nas casas particulares ainda se usam os vestidos léves e vaporosos. Damos hoje uma gravura de três vestidos de chá, de uma frescura e leveza encantadoras. Um em verde musgo, em musselina de seda, tem na cintura um ramo de flores e na gola da capa a mesma guarnição. A saia é em pétalas; o chapéu em feltro verde. O segundo em renda Chantilly é em côr de tabaco, guarnecido a georgette pêche. O chapéu em tule e pétalas, tem um ligeiro aspecto de bacente, o que o torna muito gracioso. O terceiro em organdi côr de rosa, é de uma grande leveza. Um ramo de flores brancas, aninha-se no cinto. Uma larga berthe guarnecida a renda forma o corpo. O chapéu em linho côr de rosa é pespontado.

A boa de plumas completamente abandonada nestes ultimos anos volta a ter grande aceitação entre as elegantes londrinas. Damos uma linda gravura de Lady Pamela Smith, fazendo de manequim, na casa Chanel, de Londres. Usa um vestido em renda côr de rosa com uma boa de plumas da mesma côr. Quasi todos os vestidos de Chanel, para a noite, são acompanhados de boas de plumas, que dão um efeito preciosíssimo, rodeando as loiras cabeças ou os cabelos negros de uma leve aureola de côr. É do melhor efeito.

Para a tarde, o outono traz-nos o vestido em pano setim e pele. Damos um lindo modelo em pano setim côr de castanha mordoré, guarnecido a columbia, do mesmo tom. Completa-o um pequeno feltro do mesmo casta-



inho. O chapéu pequeno continua a estar em favor e é o que vai ser usado no inverno. Completamos a série das modas com um casaco de viagem, em *la moll use*, da maior novidade tanto nas viagens de comboio, como de automóvel, agora nesta época em que as tardes e as noites começam a ser muito frescas e é necessário termos com que nos abrigar.

Os animais

HÁ actualmente, mais do que nunca, o delírio dos animais e é raro a senhora que não tem um cãozinho perdilento. Mas morrem esses animais queridos e é preciso enterrá-los. Cemitérios de cães há por toda a parte, mas o de Washington não teme rivais, quer pela grandeza, quer pela originalidade. A última morada do mais fiel amigo do homem é de cerca de dois quilómetros quadrados e rodeado de um muro de mais de dois metros; a flora é representada abundantemente e predominam os pinheiros, olmos e flores de todas as variedades. Os túmulos nada têm de invejar aos dos homens e há alguns de grande riqueza artística. Há túmulos patricios em que estão sepultadas famílias inteiras de cães. Epitáfios comoventes estão gravados nos frontispícios dos seus monumentos. Belo e significativo é o de um cão morto em França, na guerra, e levado religiosamente para a América pelos soldados de um regimento de infantaria.

Higiene e beleza

A mulher de hoje não se interessa apenas pelas questões sociais e pelo fato. Ainda que essas graves questões a preocupem, o que é bem natural, porque a mulher é também um ser pensante, a mulher quer ser bela. Certamente que o «maquillage» não é a sua única preocupação e toda a mulher inteligente despreza a que só pensa em alongar os olhos e tornar vermelhos os lábios. No entanto o «maquillage» é necessário e até os mais antiquados o vão já aceitando. Há pessoas que abusam dele, e nesse caso torna-se um desastre.

Um pouco de pó, um pouco de «rouge» e de «baton» se a isso se chama «maquillage» apenas torna a mulher mais bela. O exagero é em geral desfavorável, no entanto é um corretivo às imperfeições, que nem sempre convém às feições corretas e aos tipos delicados. O que é hoje indispensável, é ser agradável à vista, tanto para as mulheres casadas, como para as mulheres que trabalham. Mas dada a «coquetterie» moral ou física tem de ser habilidosa, e não deve mesmo mostrar-se. O melhor «maquillage» é o que se não conhece. Há mulheres adoráveis, que apresentam uma cara sem pintura, que é uma obra prima de «maquillage». Mas essas mulheres sabem fazer-no com conta, pêsos e medida, lembrando-se com inteligência, que uma mentira por bela que seja nunca deve ser suspeitada. Lembramos, pois, às nossas leitoras a vantagem dessa mentira inocente.

Habilidades femininas

A engenhosidade feminina é infinita e o gracioso concurso organizado em Sens, em França é disso um testemunho. Tratava-se de fazer em papel, vestidos e chapéus. Esses vestidos e esses chapéus foram verdadeiras maravilhas de arte, de engenhosidade e de trabalho. As concorrentes foram recebidas com aplausos frenéticos e o júri dificilmente podia dar a sua opinião e dar os prémios. Os espectadores ficaram estupefactos diante dessas obras-primas. O primeiro prémio de vestido de fantasia, foi ganho por M^{lle} Renée Collin, com um vestido composto de rosáceas, feitas de tirinhas de papel de jornal trabalhadas ao *crochet*, e dando a ilusão perfeita da renda. Era formado por 17.500 bolas de papel luminoso enfiadas em arame fino zincado. A fada, que é M^{lle} Collin levou cinco meses a executar a *toilette* que é um prodígio, único em França e naturalmente em todo o mundo. Os chapéus de rua eram todos encantadores, e muitos deles podiam ser usados sem que ninguém percebesse que eram feitos de papel de jornal. Ganhou o primeiro prémio M^{lle} Jacqueline Cossurel com um delicioso chapéu e respectivo regalo. Entre os vestidos de rua, que podiam causar inveja aos grandes costureiros, não só pela fantasia mas também pela execução, salienta-se o de M^{lle} Jeanne Brun que obteve o primeiro prémio. É um belo exemplo de paciência e de tenacidade. E quem sabe se não é o primeiro passo, para uma moda futura? A inovação dos vestidos de papel de jornal seria muito económica.

A mulher

A mulher de hoje é positivamente a mulher da transição. Orienta a sua vida num novo sentido, mas não tem a coragem de se desarraigá-la das antigas convenções, dos antigos preconceitos e continua como a mulher de sempre a preocupar-se com a sua beleza estética, começando a despertar para a vida intelectual. Mas nada de surpreendente isso tem, porque encontramos nos homens superiores a mesma preocupa-

ção de *toilette* e de aparência, sendo felizmente muito raros, os que desprezam por completo a elegância e a aparência. Digo felizmente porque não considero nem nos homens nem nas mulheres, uma superioridade essa indiferença pela correção da *toilette* que reputo indispensável nos dois sexos. É pois com prazer que constato que a mulher de hoje, apesar das suas preocupações intelectuais, não despreza a sua elegância pessoal, sempre tão para admirar e para agradecer, porque a preocupação da mulher em parecer bem, é uma homenagem ao seu semelhante, cuja opinião não despreza e antes procura captar, é pois mais um motivo para lhe agradecer o seu imortal e sempre renascente coquetismo, que a torna bela e interessante.

De mulher para mulher

Julietta. - Não, minha senhora, não concordo consigo. Uma mulher que tem filhos não tem o direito de modificar a sua existência, a não ser que os motivos sejam de uma tal gravidade, que para os filhos, isso seja mais útil. Não me parece o seu caso, apesar da sua bem feita descrição. Que melhor e mais útil fim pode ter na vida do que criar e educar os seus filhos? Creia, é esse o seu destino. O resto fantasias inqualificáveis.

Rosa branca. - E na verdade moda e bem graciosa a dos vestidos de *organdi* para a noite. O que não posso afirmar-lhe é que se usem pelo inverno dentro. É uma coisa que ainda não está definida. Mas é provável porque para as meninas nada há de mais favorável, do que essas frescas *toilettes* tão leves e graciosas, que tão frescas as tornam.

Malmuequer. - Isso deve ser ideia sua, para que a procuraria ele se não tivesse por si um grande interesse. Nada justifica, no que me diz, a sua desconfiança.

Franca e sincera. - São qualidades raras, hoje, essas de que se gaba. Mas sabe que talvez a sua amiga tenha razão. Há franquezas



que são quasi faltas de atenção e sinceridades que se não devem ter. O que é difficil é saber até onde se pode ir.

Receitas de cozinha

Conchas de ostras. — Dourar em 70 grammas de manteiga, quatro cebolinhas picadas e colher e meia de farinha; passados cinco minutos deitar-lhe um copo de vinho branco de Colares, outro de água e um pouco de água de coser peixe. Dez minutos ao lume, tirar e juntar três gemas de ovos batidos. Tomam-se duas duzias de ostras que se tenham tirado da concha e deitam-se no molho já feito mechendo-o bem. Deitam-se nas conchas, que terão um pouco de manteiga e pão ralado, cobrem-se com pão ralado e vão ao forno onde estarão cinco minutos.

Leite assado. — Um quartilho de leite, quatro ovos bem batidos e quatro onças de assucar. Mistura-se tudo muito bem misturado, e vai ao forno numa assadeira untada com manteiga. É uma sobremesa deliciosa e facilissima



de executar, podendo ser utilizada pelas donas de casa, que têm de fazer uma sobremesa à pressa.

Trabalhos femininos

DAMOS hoje um lindo modelo de colcha imitando as colchas antigas que pôde ser feito por qualquer senhora, que aos trabalhos de agulha, sempre tão interessantes e tão proprios da mulher, se dedique. Como verão da gravura junta, a colcha depois de feita e colocada numa cama antiga, tem o melhor aspecto e parece ser verdadeiramente antiga. Faz-se com uns retalhos de seda, como podem ver no detalhe cortados de forma a formar umas estrelas, o resto da seda, que forma o fundo é ligeiramente acolchoado com algodão em rama e bordado com uns ligeiros pontos numa seda, que forme contraste com a côr do fundo para sobresair. É admiravel o trabalho perfeito, que se consegue e o aspecto rico que uma colcha assim feita, consegue ter. Toda a mulher que é digna



dêsse nome gosta de guarnecer a sua casa, com êsses delicados objectos, que saídos das suas mãos habilidosas, se tornam mais preciosos, dando ao lar êsse aspecto de verdadeiro conforto e graça, que deve ter uma casa onde há uma mulher que deve ser a fada do lar, a artista, que tudo embeleza, e, que com a sua graça contribui para tornar muito atraente a casa, ornando a com grande economia e notável elegancia, dando-lhe assim uma nota pessoal do seu trabalho.

Moda masculina

CONSTITUIU-SE em Londres uma liga para a reforma do traço masculino, mas os modelos apresentados não demonstram grande imaginação nos inovadores ingleses. Trata-se apenas de uma copia servil das modas antigas, que hoje não servem. Obteve o primeiro prémio um traço masculino, que lembra o dos elegantes de 1800. É certo que seria uma reforma oportuna. O traço masculino com as suas côres terrosas e enigmáticas, com o colarinho postiço, com os punhos engomados, é o mais incomodo que a humanidade tem usado. Quasi que o homem das cavernas, com a sua enxada tinha um aspecto muito mais estético do que o homem europeu de hoje, mas a reforma não deve nunca esquecer as exigencias modernas e as elegantes do seculo passado destoariam da vida actual pratica e movimentada. A moda masculina vai ter o mesmo destino que a feminina. Os vestidos cumpridos carregados de rendas de fitas, de flôres são reservados para a noite, mas os vestidos curtos e desportivos reinam sempre. A reforma da moda masculina, como a feminina precisa de realizar-se, mas tem de ficar no meio termo. Mas isso do meio termo, é muito difficil de conseguir. Na moda, como aliás em tudo, apesar de parecer, que é bem facil.

O que será a moda futura masculina é ainda um misterio para nós e não se resolve tão cedo, estamos seguros disso.

Mulher da idade de média

ENTE as figuras femininas da Idade Média, que são invocadas pelos romancistas e poetas, existe a de Leonor de Aquitania. Descendente de trovadores, desposou um dos reis de França, divorciou e foi depois rainha de Inglaterra.

Era célebre naquele tempo, pelas suas aventuras, pela sua paixão, pelas letras e pelos torneios de amor. Tinha herdado o temperamento fogoso de seu pai, o duque Guilherme, e a sua disposição para o misticismo. Durante a cruzada de Antioquia disse-se, que tinha tido uma aventura com o sultão Mur-ed-din, mas quando voltou a Aquitania soube bem defender-se contra as acusações que lhe foram feitas, e mostrou-se digna do país que a tinha elegido para rainha. Tinha uma voz sonora para as canções e para os discursos. Era orgulhosa e irônica, tinha um espirito subtil e um temperamento vigoroso, pronta a subir ao trono e a desafiar todas as misérias. Conheceu as humilhações do divórcio, da prisão, a ingratitude de alguns dos seus fieis, e, com Henrique II de Inglaterra, os ciúmes. As crônicas pretendem que ela fez assassinar a sua rival Rosamunda. Mas naquele tempo os delitos que se cometiam em volta dos tronos, não eram julgados e castigados. Leonor ainda nova, abandonou o trono e os seus esplendores, pela vida austera do claustro, onde foi um exemplo de devoção e piedade. Era nessa época um facto que se repetia, nessas mulheres de um temperamento fogoso e ao mesmo tempo de um agudo misticismo, que lhes acendia na alma, a chama do remorso e que as fazia no fim da vida, renunciar a todos os bens terrestres.

Pensamentos

O amor é um fogo, que se acende, devora tudo e que se torna na cinza da amizade.

É mais difficil saber odiar do que saber amar.

Quem tóda a vida conserva um único amor atinge a perfeição do sentimento.

O ódio é muitas vezes um resto de amor, a indiferença e a morte completa dêsse sentimento.



PROBLEMA DE XADREZ

Quando se está jogando o xadrez toda a questão se resume em fazer a deligência por ganhar o jôgo e nenhum dos jogadores tem restringido o número dos seus movimentos. Assim que se introduz a condição de dar mate numa determinada posição e num número limitado de movimentos torna-se um problema a resolver sobre o taboleiro, o que é uma coisa completamente diferente. O exemplo que aqui damos explicará melhor o caso.

Com as pedras brancas a jogarem em primeiro lugar, todo o jogador saberia como ganhar, principiando por dar cheque com D 3 B S, aproximando depois o R uma casa mais do P, e assim por diante. Mas torna-se realmente um belo problema encontrar a maneira das peças brancas darem cheque mate apenas em cinco movimentos.

Pretas (2)



Branças (2)

(As Brancas jogam e dão mate em dois lances)

A TOUCA DAS CRIADAS

As toucas usadas hoje pelas criadas são, verdadeiramente o símbolo da liberdade, desde o tempo em que havia tanta gente escrava. Nessa época só o homem ou a mulher livre tinha direito a usar a cabeça coberta; e durante séculos, toda a mulher livre usava um toucado, tanto em casa como fóra dela. Mais tarde, a mulher que era a dona de sua casa deixou de usar touca, afim de se distinguir das criadas e assim se originou o hábito actual da touca, usada por algumas criadas em certas casas.



NOMES DE RUAS

Não só em Portugal, como em muitos países é costume dar às ruas os nomes de pessoas célebres — ou em voga.

Noutros, porém, ou pelo menos, em muitas cidades procede-se de modo diferente.

Assim, em Carlton, perto de Manchester, há as ruas: Janeiro, Fevereiro, Março, etc. e as avenidas: Domingo, Segunda-feira, Terça-feira, etc.

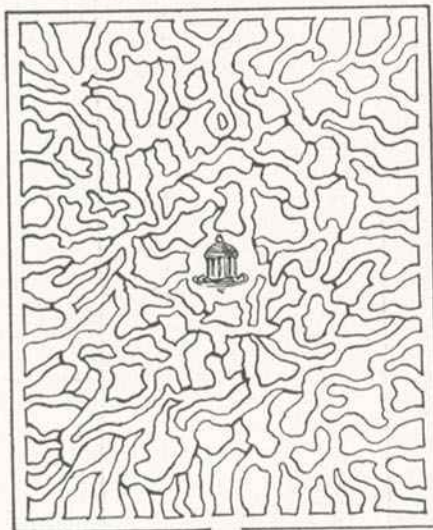
Em San Diego, na Califórnia, adoptou-se uma nomenclatura botânica: ruas do Cedro, da Pereira, da Tamareira, do Salgueiro, etc...

Em Red-Oak, no Iowa, empregou-se a zoologia: ruas da Águia, do Canário, da Cotovia, do Bacalhau, do Arenque, etc...

Em Soathurn-on-Sea, estação balnearia da Inglaterra, adoptaram-se nomes de pedras preciosas: ruas das Safira, da Esmeralda, da Turquesa, do Rubi, do Diamante, etc...



LABIRINTO



O RELOGIO DE LINCOLN

O relógio oferecido a Abrahão Lincoln durante a guerra civil esteve à venda, ha mezes em Oslo.

Esse relógio é obra dum relojocero parisiense, chamado Bréguet. Lincoln usou-o durante todo o tempo da guerra. Depois, foi o relógio vendido a um gentil-homem francez, que era dos familiares do celebre estadista norte-americano. Os 40.000 francos pagos pelo francez reverteram em favor das victimas da guerra.

O filho do gentil-homem, que herdou o relógio vendeu-o a um banqueiro alemão. Esse conservou-o em seu poder alguns anos. O relógio desapareceu misteriosamente e ninguem mais ouviu falar dele até ao momento em que um parente do seu dono actual o comprou a um engenheiro sueco.

O precioso relógio está ainda em bom estado. A caixa é de prata e o quadrante indica, alem das horas, os dias da semana.



1.ª banhista :- Ah! o meu relógio de pulso?
2.ª banhista :- Tomaste banho com ele?
1.ª banhista :- Não é isso; é que me prejudica o banho de sol. (Do Punch).

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	E	M	E						F	O	Z
II	D		E	S	T		M	O	S		R
III	A	S		M	E	T	A	L		P	O
IV	M	I		E	M	I	T	I		E	M
V	A		A	R	E		E	C	O		A
VI		I	R	A					U	P	A
VII	S		O	L	A		A	L	A		M
VIII	E	M		D	E	N	S	A		D	A
IX	N	A		I	D	E	A	R		A	R
X	A		A	N	O		R	I	A		E
XI		E	L	O					O	S	O

BRIDGE

(Solução)

B faz a primeira vasa e trunfa. A entra com o Az e volta a trunfo, sobre o qual D deita espadas. D faz então nova vasa em oiros — provavelmente 3, 4, 8 e 9 de oiros — e joga espadas, o que dá a entender claramente que é C quem tem o Rei. B entra com o Az, joga duas vezes trunfo, o que A aproveita para se descartar da Dama de espadas. Em seguida B pucha oiros, A faz o Az e volta a oiros. B cobre com o Rei e deita a seguir o Rei e a Dama de paus e depois uma carta baixa do mesmo naipe, que A cobre com o Az, fazendo tambem a ultima vasa com o 8 de paus.



SILHUETA INIGMATICA

(Solução)

Aqui está a silhueta do pássaro exótico que se procurava reconstituir, e que, é uma catatua.

ANEDOTAS

Madalena: — Para obter a minha mão, entenda-se com minha mãe. Isso não se trata com meu pai.

Roberto: — Pois sim; mas diga-me uma coisa: na sua família, é regra geral governarem as mulheres? ...

— Ele, agora, já está arrependido de ter brigado com ela.

— Porque ela saiu de casa e foi para casa da mãe, não é assim?

— Não; porque a mãe é que veio para casa dela.

No Club:

— Afinal, o Rodrigo já arranjou emprego? Já condescendeu em trabalhar?

— Já. Anda a fazer a corte à filha de um banqueiro.

— Porque se não casa você? perguntava, numa *soirée*, um convidado a outro.

— Porque o não posso fazer senão em determinadas condições.

— E que condições são essas, se não é indigência?

— Preciso que a minha noiva seja formosa, rica e tãla. Se não for rica nem formosa, não caso com ela; se não for tãla, não casa eu comigo!

PAULINO FERREIRA: : **ENCADERNADOR - DOURADOR** : :AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
NOVIDAS A ELECTRICIDADE**CASA FUNDADA EM 1884**Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

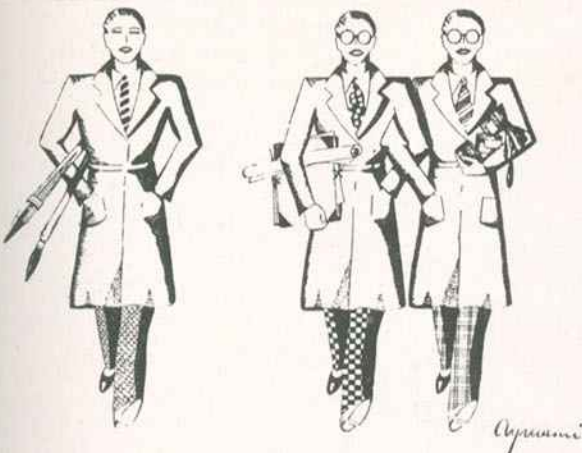
8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

GRAVADORES**IMPRESSORES**TELEFONE
2 1368**BERTRAND**
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

NOVIDADE LITERARIAA obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em PortugalSaíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental**HISTORIA DA
LITERATURA
PORTUGUESA**

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e modas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes-Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

IMPORTANTE: — A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, só será vendida em volumes.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição
 DE
Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
 Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
 Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS
 POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
 Esc. **25\$00**

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
 O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas | brochado 10\$00
 | encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**
 encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
 O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00
 PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o aprego em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se exgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na **BÍBLIA DA VIDA**, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00



PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS A
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DICIONÁRIO DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses
e seus equivalentes em português.
Regras do jogo e casos de deslo-
cação

**Livro indispensável a todos os amadores
de football**

1 vol. enc. com capa a ouro com
cêrca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado
Encadernado luxuosamente

10\$00
18\$00

34.º — ANO — 1933

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

**Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

**SE QUERES VIVER,
DESPERTA E LUTA!**

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO
POR

ELICK MORN

1 VOLUME DE 268 PÁGINAS, BROCHADO, 10\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

*Um dos mais notáveis livros da literatura
romântica contemporânea em toda a Europa*

1 volume de 338 pags., brochado . . . 10\$00
encadernado . 14\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

**ANDAM FAUNOS
PELOS BOSQUES**

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado . . . 12\$00
encadernado . 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



Gazolina Auto=Gazo
...e uma leve pressão
no acelerador!



VACUUM
OIL COMPANY, INC.

1122